

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
VITÓRIA FERRAZ LOZADO

MULHERES (E) INTELLECTUAIS EM *VERSUS*
(1975-77)

FLORIANÓPOLIS
2020

Vitória Ferraz Lozado

MULHERES (E) INTELLECTUAIS EM *VERSUS*

(1975-77)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do grau de Bacharelado em História, sob orientação da Prof.^a Cristina Scheibe Wolff.

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lozado, Vitória Ferraz
Mulheres (e) intelectuais em Versus (1975-77) / Vitória
Ferraz Lozado ; orientadora, Cristina Scheibe Wolff, 2020.
76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. História. 2. Intelectualidade. 3. Gênero. 4. Memória.
I. Wolff, Cristina Scheibe. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 17 dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte, às 10 horas, por meio do ambiente virtual *Zoom*, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Profa. Cristina Scheibe Wolff (Orientadora e Presidenta); Prof^a. Morgani Guzzo (Titular); Profa. Soraia Carolina de Mello (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 53/HST/CFH/2020, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica Vitória Ferraz Lozado, intitulado: "Mulheres (e) intelectuais em Versus (1975-77)". Aberta a Sessão pela Senhora Presidenta, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas: Profa. Cristina Scheibe Wolff, nota 10,0, Profa. Morgani Guzzo, nota 10,0, Profa. Soraia Carolina de Mello, nota -, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 24 de dezembro de 2020. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo(a) candidato(a).

Florianópolis, 17 de dezembro de 2020



Documento assinado digitalmente
Cristina Scheibe Wolff
Data: 17/12/2020 11:42:43-0300
CPF: 777.459.309-87

Prof. (Orientador(a)):



Documento assinado digitalmente
Morgani Guzzo
Data: 21/12/2020 13:30:11-0300
CPF: 066.873.859-50

Prof^a. (Titular):

Prof.(Suplente):



Documento assinado digitalmente
Vitória Ferraz Lozado
Data: 17/12/2020 12:44:55-0300
CPF: 105.155.819-09

(Candidato(a)):



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica Vitória Ferraz Lozado, matrícula n. 16101537, entregou a versão final de seu TCC cujo título é MULHERES (E) INTELLECTUAIS EM VERSUS (1975-77), com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 23 de dezembro de 2020.



Documento assinado digitalmente
Cristina Scheibe Wolff
Data: 23/12/2020 12:15:20-0300
CPF: 777.459.309-87

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria sido produzido sem a ajuda de algumas pessoas. Gostaria de agradecer meus pais, Valdir e Rosemere, por sempre me acompanharem e me apoiarem em todos os caminhos que escolhi trilhar. Seu incentivo constante para que eu aprendesse mais sobre o mundo, principalmente através da leitura, foi imprescindível para que eu chegasse nesta etapa. Agradeço também aos meus amigos que aguentaram meus (muitos) comentários sobre este trabalho durante o processo de escrevê-lo. Preciso agradecer com muito carinho à minha companheira de todos os trabalhos desde minha entrada na faculdade. Obrigada à Kami Carriço pelos muitos anos de conversas e reclamações.

Por fim, e não menos importante, agradeço à professora Cristina Scheibe Wolff por ter aceitado me orientar, o que o fez com muita paciência durante todo esse processo de construção do trabalho. Devo agradecimentos também à Universidade Federal de Santa Catarina por ter me proporcionado nestes cinco anos do curso de História um ambiente de estudos, sociabilidades e amizades que pretendo levar comigo por anos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma discussão acerca de parte da intelectualidade de esquerda do Brasil da década de 1970, a partir de uma perspectiva que leva em consideração, principalmente, as ausências e presenças de discussões de e sobre mulheres intelectuais e suas produções no período. Para tanto, são utilizadas como fontes primárias 16 edições do jornal paulista *Versus*, publicadas entre 1975 e 1977, assim como uma entrevista, dois depoimentos e um ensaio de quatro mulheres que participaram do periódico como colaboradoras. A análise destas fontes é realizada por meio do uso das categorias “intelectualidade” e “gênero”. Também são reconstruídas algumas redes de sociabilidade intelectuais que se formaram a partir do periódico, assim como analisa-se as memórias das colaboradoras como atravessadas por outras relações de poder para além do gênero, sendo estas a raça e a classe.

Palavras-chave: Intelectualidade; Gênero; Imprensa Alternativa; Ditadura Civil-Militar; Brasil

ABSTRACT

This work aims to conduct a discussion about part of Brazil's left-wing intellectuality of the 1970s, from a perspective that considers, mainly, the absences and presence of discussions of and about intellectual women and their productions in the period. To this end, 16 editions of the São Paulo underground paper *Versus*, published between 1975 and 1977, are used as primary sources, as well as an interview, two testimonies and an essay by four women who participated in the periodical as collaborators. The analysis of these sources is carried out through the use of the categories "intellectuality" and "gender". Some networks of intellectual sociability formed from the periodical are also reconstructed, as well the memories of the female collaborators are analysed as crossed by other power relationships beyond gender, these being race and class.

Keywords: Intellectuality; Gender; Underground Press; Civil-Military Dictatorship; Brazil

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALA: Afro-Latino-América

AI-5: Ato Institucional n.º 5

MNU: Movimento Negro Unificado

ONU: Organização das Nações Unidas

PCB: Partido Comunista Brasileiro

POC: Partido Operário Comunista

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

USP: Universidade de São Paulo

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

FCL: Faculdade Cásper Libero

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 UM JORNAL DE IDEIAS, AVENTURAS, REPORTAGENS E CULTURA	22
<i>2.1 Intelectuais e intelectualizados</i>	22
<i>2.2 A questão do gênero</i>	36
3 GÊNERO, RAÇA, CLASSE E INTELLECTUAIS	47
<i>3.1 Memórias</i>	48
<i>3.2 Publicações</i>	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
FONTES	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
APÊNDICE	78

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir, a partir de uma perspectiva de gênero, acerca da intelectualidade brasileira de esquerda durante o período da ditadura civil-militar, que se instalou no país em 1964 e perdurou por 21 anos. Levando em consideração as fontes escolhidas, foi necessário realizar um recorte temático mais específico, abrangendo somente alguns anos do período autoritário brasileiro, de 1975 à 1977, e a alguns tipos de fontes primárias, relacionados ao cenário da imprensa alternativa¹ de São Paulo e aos movimentos de mulheres militantes contra à ditadura.

A fonte primária guia deste trabalho foi o jornal *Versus*, idealizado pelo jornalista Marcos Faerman, foi publicado pela primeira vez em São Paulo no ano de 1975, perdurando até o final desta década, e tinha como temática central a América Latina, sua história e cultura. Essa especificidade do jornal – que em realidade possuía diversas destas, a denominação do periódico de jornal sendo uma delas, apesar de contar com um formato mais próximo à de revistas, por exemplo, ao não noticiar fatos e publicar as edições de maneira bimestral – o destacou no cenário brasileiro da imprensa alternativa, por não se restringir aos ideais de certo partido político, como muitos jornais alternativos faziam nesta época. (KUCINSKI, 2001, p. 6-7) Ao invés disso, *Versus* contou com uma equipe muito diversificada de jornalistas e intelectuais por trás e dentro de suas publicações, o que contribuiu para a construção de um periódico que refletia bastante a diversidade de pensamentos dentro da esquerda brasileira da época, principalmente a esquerda mais intelectualizada, ligada ao ideário do latino-americanismo e uma visão crítica da esquerda tradicional ligada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB).² (ARAUJO, 2000, p. 131)

A seleção do jornal *Versus* como fonte principal para este trabalho está relacionada a sua característica plural. A pluralidade dentro do periódico permitiu uma perspectiva mais abrangente de diferentes esferas da esquerda daquele período, o que não seria possível ao

¹ O conceito de imprensa alternativa que será utilizado ao longo deste trabalho se baseia na concepção do termo segundo Bernardo Kucinski (2001, p. 6), se referindo a um tipo de publicação que tinha por princípio a oposição ao discurso oficial veiculado na grande mídia e que se identificava pelo combate político-ideológico à ditadura, em maior ou menor grau de explicitos, criticando de forma ortodoxa o capitalismo periférico e o imperialismo, dos quais a ditadura era vista como uma representação.

² De acordo com Araujo (2000), nas décadas de 1960 e 1970 surgiram diversos movimentos, partidos e organizações que buscavam reinventar a política. Estes faziam uma crítica aos partidos comunistas e socialistas tradicionais e receberam ao redor do mundo diferentes nomes como: esquerda radical, esquerda alternativa, esquerda independente ou nova esquerda. Neste trabalho, utilizei o termo “esquerda alternativa” para identificar os movimentos à esquerda que se organizaram com o fim da experiência de resistência armada, no início da década de 1970.

analisar um jornal alternativo partidário, por exemplo. É interessante destacar que o pluralismo que tornava o jornal tão especial – e que pode ser uma das razões para a manutenção do mesmo por tantos anos, em direção contrária ao que acontecia com outros periódicos alternativos, que tiveram uma vida muito curta – foi desmontado com a entrada de um grupo socialista de vertente trotskista a partir de 1977, denominado Liga Operária, que tomou as rédeas do jornal a partir de sua 17ª edição e o transformou em um jornal partidário, levando ao fim do mesmo em pouco tempo. (KUCINSKI, 2001, p. 5; 135-140)

Esse periódico que, como exposto, reflete algumas facetas da esquerda brasileira, principalmente no que diz respeito à intelectualidade por ser uma publicação mais dedicada à “ideias, aventuras, reportagens e cultura”³, tem uma peculiaridade interessante. Apesar de ter contribuído muito para uma discussão profunda acerca da América Latina, de seus povos, suas histórias e suas resistências, a partir da inserção de diversos trabalhos de intelectuais muito conhecidos e publicações próprias, *Versus* deixou uma lacuna grande no que diz respeito à discussão de mulheres e por mulheres. Dessa maneira, o foco da análise será voltado à buscar as questões de gênero envolvidas dentro e fora das relações do jornal alternativo com o meio intelectual em que estava inserido.

Na primeira vez que entrei em contato com esta fonte, o objetivo da análise era outro, o que havia chamado minha atenção era a preocupação dos jornalistas responsáveis em discutir a América Latina, o que diferenciava de tudo que havia sido feito até então dentro do jornalismo alternativo brasileiro – já havia publicações na Argentina e Uruguai que trabalhavam a temática e que inclusive inspiraram a criação de *Versus*, como o argentino *Crisis* e o uruguaio *Marcha*. (KUCINSKI, 2001, p. 134) Entretanto, após a leitura completa da fonte – até a 16ª edição, antes da transformação completa do mesmo em um instrumento partidário – a questão de gênero se tornou a minha principal preocupação, as questões relativas às ausências e presenças de discussões sobre mulheres e por elas se tornaram cada vez mais evidentes conforme fui avançando na leitura. Essa modificação de perspectiva de análise se tornou necessária, até mesmo compulsória para mim, pois essa fonte possibilitava o contato com diversas tendências da esquerda e, mesmo assim, carecia de discussões sobre ideias de autoria feminina e de publicações exclusivamente produzidas por mulheres.

³ Como o próprio jornal se identificava, consta no subtítulo das capas das edições 2 à 18.

É relevante destacar que ao longo da minha graduação não tive contato significativo com trabalhos que tratassem de questões de gênero ou que empregassem o gênero como categoria de análise para estudar a história, com uma exceção importante. A disciplina de Teoria da História II, a qual tive a oportunidade de estudar com a orientação de Joana Maria Pedro, no quinto semestre do curso. Esta historiadora, reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho com gênero e história, foi minha porta de entrada na leitura de teóricos que versavam sobre o tema, com destaque para as figuras de Joan Scott e María Lugones. Ainda assim, preciso confessar que a temática não me atraía muito, o que acarretou em grande surpresa na escolha dos instrumentos de análise que iria utilizar neste trabalho de conclusão. Não escolhi a temática, ela me escolheu, considerando minha própria identidade, minhas influências pessoais e o desejo de discutir sobre mulheres. Sobre mulheres que resistiram aos silenciamentos impostos pela sociedade, que buscavam, e buscam até hoje, o espaço para discutir suas próprias ideias.

Este trabalho, portanto, se baseia em duas grandes categorias: ‘gênero’ e ‘intelectualidade’. Ambas contém uma gama de significados, o que incorreu na necessidade de realizar algumas escolhas teóricas para guiar a pesquisa. No que diz respeito ao gênero, utilizei-me do pensamento das norte-americanas Joan Scott e Ângela Davis e da teoria da brasileira Lélia Gonzalez. Essas três mulheres contemporâneas discutem a categoria gênero e a relacionam com conceitos como o de raça e classe, importantes para uma pesquisa que dá atenção às questões de gênero intrínsecas ao cenário da intelectualidade brasileira de esquerda da década de 1970. Quanto ao conceito de intelectualidade, me baseei principalmente nas formulações de Angela de Castro Gomes, Patrícia Hansen, Antonio Gramsci e Michel Foucault sobre o tema.

Há poucos trabalhos sobre gênero e história que não se remetam, de alguma forma, as ideias de Joan Wallach Scott. O texto *Gender: a useful category of historical analysis*, publicado pela primeira vez em 1986 nos Estados Unidos, se tornou uma das leituras obrigatórias dos pesquisadores interessados em trabalhar com gênero. Dentre inúmeras questões relevantes de sua teoria, as que foram utilizadas nesse trabalho estão diretamente relacionadas a sua concepção central sobre o que seria essa categoria.

Minha definição de gênero tem duas partes e diversos subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2)

o gênero é uma forma primária de dar significados às relações de poder. (SCOTT, 1995, p. 86)

A autora traz em seu texto uma discussão sobre a necessidade de refletir acerca da história das mulheres como algo intrínseco à compreensão da história. Para ela, feminino e masculino são convenções relacionais que estão interconectadas e a busca para compreender uma, leva à compreensão da outra. Até esse momento, muitos historiadores não feministas, como a própria autora os denomina, aceitavam a história das mulheres, as aceitavam como sujeitos históricos válidos, mas confinavam aquela a um domínio separado da história dos homens. Scott rejeita essa noção, constituindo uma teoria que defende que o gênero está intrínseco às relações de poder dentro das sociedades, sendo uma das formas primárias de dar significados a essas relações. Para compreender o funcionamento dessa categoria, segundo ela, é necessário refletir sobre como essas identidades binárias, falsamente idealizadas como fixas e permanentes, foram construídas e as relacionar com a organização social e as representações sociais dentro de um determinado contexto histórico. (SCOTT, 1995, p. 74-75; 85-86)

Dentro de uma análise histórica, isso acarreta na necessidade de se levar em conta os sujeitos individuais em cena, a organização social dessa determinada sociedade e as interrelações entre os dois. O foco dessa pesquisa está na relação entre a ausência e a presença das mulheres dentro de um periódico da imprensa alternativa e como isso pode refletir algumas mentalidades da esquerda mais intelectualizada, que possuía hábitos de leitura e discussão sobre os mais variados autores, com forte atenção para os latino-americanos, e como havia dentro desse cenário um vácuo de discussão de ideias de autoria feminina. Além disso, houve também a observação dos sujeitos individuais desse espaço, neste caso, as mulheres envolvidas na editoria, na escrita e na organização do periódico. Em suma, o gênero será utilizado como categoria de análise para compreender como funcionavam, dentro do contexto mencionado, as relações de gênero dentro do periódico, os símbolos culturais e os conceitos normativos que aparecem, o porquê, como e em quais circunstâncias eles se dão. (SCOTT, 1995, p. 86-88)

Esse trabalho trata de uma discussão sobre gênero dentro do contexto da América Latina, mais especificamente do Brasil, que na década de 1970 estava vivenciando o autoritarismo de um governo militar e que carrega em sua história especificidades relevantes quanto à questões de raça e classe. Por conta disso, não há como realizar uma pesquisa fundamentada em uma perspectiva de gênero sem considerar estas duas últimas categorias em

conjunto. A interseccionalidade dentro dos círculos acadêmicos foi discutida pioneiramente⁴ na América do Norte entre as feministas estadunidenses que sentiam a necessidade de refletir sobre a posição da mulher negra dentro da sociedade americana. Estas tem como uma de suas mais reconhecidas porta-vozes a militante negra Ângela Davis, seu trabalho *Women, Race & Class* foi publicado pela primeira vez no ano de 1981 e é até hoje considerado uma das obras-chave para compreender as interconexões entre essas três categorias. O livro, que foi traduzido para português como *Mulheres, Raça e Classe*, foi publicado no Brasil pela primeira vez somente no ano de 2016, apesar de já estar circulando no país há mais tempo em sua versão original em inglês.

Davis discute muito a noção de que não há hierarquia entre as categorias de gênero, classe e raça. Mesmo sendo marxista, a autora é uma grande crítica da esquerda ortodoxa que defende que a classe é mais relevante que a raça e o gênero no que diz respeito aos sistemas de opressão. Para a autora, é necessário refletir sobre como essas categorias estão interconectadas, se entrecruzam, isto é, como não podem ser desvinculadas umas das outras. Na tentativa de compreensão de uma dessas relações de poder, é necessário passar pela compreensão da outra. (DAVIS, 2016, p. 2). Joan Scott escreve algo parecido quando discorre sobre o uso da terminologia gênero:

O termo gênero, além de substituto para mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Esse uso rejeita a validade da ideia de esferas separadas. (SCOTT, 1995, p. 75)

A teoria de Davis foi muito importante na análise das questões de raça e a interrelação destas com a categoria gênero dentro dessa pesquisa. *Versus* foi uma das primeiras publicações da imprensa alternativa a abrir espaço para que o Movimento Negro fizesse discussões sobre suas pautas⁵, com a criação da seção Afro-Latino-América a partir da 12ª edição. Além disso, a temática da maioria de suas edições girava em torno das origens da América Latina, de sua ascendência cultural e de resistência, centralizada na figura do indígena. (ARAUJO, 2000, p.

⁴ Pioneiramente no sentido em que estas tiveram destaque nos círculos acadêmicos antes de outros grupos que discutiam a mesma temática. No Brasil, por exemplo, havia discussões sobre as relações entre gênero e raça ocorrendo quase no mesmo período, com destaque para as figuras de Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, entretanto estas não tiveram a mesma notoriedade intelectual que suas companheiras norte-americanas.

⁵ O jornal tornou-se espaço de aglutinação de membros que formariam o Movimento Negro Unificado no ano seguinte. Havia outras publicações do período que discutiam questões de raça, como as revistas *Tiçã* (RS) e *Sinba* (RJ), entretanto todas possuíam como premissa esse tema desde sua criação, inseridas dentro do que podemos chamar de imprensa negra. A novidade em *Versus* foi a inclusão dessas discussões dentro de uma publicação de média circulação que não tinha como premissa inicial as vivências dos negros brasileiros.

143) Dessa forma, a discussão sobre raça, em conjunto com o gênero, se tornou necessária, não sendo possível realizar uma pesquisa sobre mulheres latino-americanas que deixasse de abordar as questões raciais como uma das bases das estruturas de poder desse contexto.

O surgimento da seção Afro-Latino-América se deu no segundo semestre de 1977, um ano antes da formação do Movimento Negro Unificado contra Discriminação e o Racismo (MNUCDR), que mais tarde passou a ser denominado somente Movimento Negro Unificado (MNU). Dentre os fundadores desse movimento estavam a militante negra Neusa Maria Pereira, uma das coordenadoras da seção ALA de *Versus*, e a ativista e intelectual negra Lélia Gonzalez, que possui diversos ensaios acerca das relações entre raça e gênero dentro da sociedade brasileira e no contexto latino-americano. Esses ensaios, que hoje têm sido aproximados das obras de Anibal Quijano e María Lugones quanto a noção de decolonialidade do saber, discutem acerca da posição da mulher negra e indígena e as relações de poder e opressão que permeiam esses sujeitos dentro da organização social brasileira. A autora traz conceitos como o de racismo aberto, característico das sociedades anglo-saxônicas e o racismo disfarçado, específico das sociedades latinas, onde prevaleceram teorias de miscigenação, acarretando no mito da democracia brasileira, da inexistência do racismo no Brasil. (CARDOSO, 2014, p. 969-970) Uma de suas ideias, utilizadas aqui e que se relaciona com a teoria de Ângela Davis é a da importância de se compreender as interrelações das estruturas de poder:

É importante insistir que no quadro das profundas desigualdades raciais existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual⁶. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não-brancas da região: as amefricanas e as ameríndias. O duplo caráter da sua condição biológica – racial e sexual – faz com que elas sejam as mulheres mais oprimidas e exploradas de uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente. Justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades, a discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo, dada sua posição de classe, ameríndias e amefricanas fazem parte, na sua grande maioria, do proletariado afrolatinoamericano. (GONZALEZ, 1988, p. 137)

A teoria de Lélia Gonzalez abre espaço para a reflexão acerca dos espaços ocupados – ou não – pelas mulheres brasileiras racializadas. Esta pesquisa trabalha com um cenário – o da imprensa alternativa, especificamente o periódico *Versus* – que reunia, majoritariamente, homens brancos.⁷ Entretanto, o recorte está posto nas mulheres que ocupavam esse espaço,

⁶ A ideia de gênero, como compreendida posteriormente, não aparece no trabalho de Gonzalez, portanto, quando fala sobre as relações assimétricas advindas da percepção das diferenças sexuais, ela utiliza as ideias de sexo e sexismo. (CARDOSO, 2014, p. 972)

⁷ PEREIRA, 2016, p. 17

sendo necessário se atentar a esses sujeitos, observar quem eram, em que contextos estavam presentes ou ausentes, se eram brancas, negras ou indígenas. Questões relevantes para serem analisadas quando estamos discutindo uma sociedade tal qual a brasileira, a obra de Gonzalez auxilia, em conjunto com as outras teóricas discutidas anteriormente, na compreensão dessas relações entre gênero e raça, como eram pensadas no contexto dos anos de 1970 e como podem ser pensadas atualmente.

Quanto à categoria ‘intelectualidade’, como mencionado anteriormente, esta pesquisa tomou como base quatro autores que discorreram sobre essa temática em suas obras. A intelectualidade é percebida de maneiras divergentes entre esses autores, o que é proveitoso para o conhecimento histórico, auxiliando na desnaturalização da noção de um sentido uníssono às categorias utilizadas nas pesquisas. Ao longo deste trabalho, o conceito de intelectual utilizado está intrinsecamente relacionado ao conceituado por Antonio Gramsci em sua obra *Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura* de 1949, publicada no Brasil sob o título *Os intelectuais e a organização da cultura* em 1968. Nesta publicação, o filósofo italiano define três sentidos para os intelectuais⁸, nesta pesquisa foi empregado o terceiro sentido, o do intelectual orgânico, o qual, segundo Gramsci, é responsável pela organização da cultura. Isso significa que os intelectuais não são responsáveis apenas pela produção do conhecimento científico, artístico ou filosófico, mas também estão envolvidos com a disseminação do saber e os processos de organização e de direção de instituições e movimentos sociais. (VIEIRA, 2012, p. 76)

A conceituação de Gramsci sobre os intelectuais orgânicos confere a estes o papel de agentes políticos determinantes, de estrategistas responsáveis pelas funções de domínio e direção cultural. As leituras que outros pesquisadores fazem sobre esse autor enfatizam o papel revolucionário desse intelectual, que estaria organicamente vinculado aos interesses da classe subalterna. Nesta teoria, estes agentes históricos não estão abstraídos das forças sociais, no contrário, eles são a expressão dessas forças. (VIEIRA, 2012, p. 77-78) Essa característica da ideia de Gramsci foi significativa na percepção do papel dos sujeitos inseridos dentro do contexto que me propus a analisar, isto é, os sujeitos históricos envolvidos na formulação e confecção de um jornal alternativo – espaço que naquele momento era usado como local de reorganização política e ideológica das esquerdas num período ditatorial (KUCINSKI, 2001) –

⁸ Gramsci define que há três modelos de intelectualidade: o tradicional, o orgânico ao projeto do Estado burguês e o orgânico aos interesses das classes subalternas. (VIEIRA, 2012, p. 77)

que tinha como proposta discutir a América Latina sob um viés cultural e histórico a partir do resgate de textos e debates de intelectuais do passado e do presente.

O outro teórico utilizado para analisar a questão da intelectualidade e dos setores intelectualizados foi o filósofo francês Michel Foucault. Assim como Gramsci, Foucault foi um pensador que influenciou fortemente brasileiros de esquerda da década de 1970, principalmente os que estavam dentro da academia, recebendo, inclusive, um espaço de honra na primeira edição publicada de *Versus* em 1975. Foucault percebia os intelectuais como indivíduos, assim como os outros, envolvidos nas relações de poder presentes na sociedade. Segundo ele, havia dois tipos de intelectuais, o novo e o antigo. Este tomava para si o papel de dizer a verdade àqueles que não a viam e em nome daqueles que tinham suas vozes silenciadas. O novo, por outro lado, havia percebido seu papel de instrumento e objeto dessas relações de poder, por meio da percepção de que as massas conseguiam saber sem ele e, também, falar sem ele. Isso acarretou numa mudança de posição quanto à fala e os posicionamentos do povo. Até então, os intelectuais estavam inseridos no poder, auxiliando no silenciamento desses sujeitos, mesmo com a pretensão de dar voz a eles, portanto, a mudança de postura, de abrir espaço para que os sujeitos falassem por si mesmos, permitiu uma resistência às relações de poder. (DELEUZE; FOUCAULT, 1979)

A terceira e última conceituação sobre a intelectualidade que foi utilizada neste trabalho partiu do livro *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, escrito em conjunto por Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016). As autoras realizam suas análises a partir da conceituação do termo “intelectuais mediadores”, procurando demonstrar que estes não possuíam somente um papel de divulgadores de conteúdos, ao se esforçarem para colocar bens culturais e simbólicos pré-existentes em contato com grupos sociais maiores, mas também que, ao realizar isso, os mesmos produziam novos significados. Uma das teorias utilizadas por Gomes e Hansen para compreenderem como se davam essas relações está baseada na produção historiográfica da década de 1980 e 1990 do *Institut d’Histoire du Temps Présent* francês.

A categoria central desenvolvida por estes historiadores franceses é o da “rede de sociabilidades”, ou seja, a constituição de um meio intelectual que se conformava por redes e lugares, onde se construía práticas relacionais específicas, que davam abrigo à valores e ideias. Dessa maneira, os intelectuais se organizavam em “teias” de relações entre si e com outros que permitiam trocas de conhecimento e debate, a partir dos quais construía-se agentes políticos e sociais envolvidos e atentos à diferentes discussões intelectuais e culturais do seu

tempo. (GOMES; HANSEN, 2016, p. 24) Essa percepção sobre intelectualidade foi muito relevante para a compreensão das relações que se desenvolveram dentro do ambiente de redação do jornal *Versus*, espaço no qual diferentes grupos e movimentos sociais frequentavam e, conseqüentemente, interagiam.

A categoria intelectualidade, portanto, foi utilizada neste trabalho a partir das conceituações destes quatro autores. A escolha se deu, principalmente, levando em conta que naquele momento histórico, Foucault e Gramsci tinham suas ideias muito discutidas dentro dos círculos de esquerda intelectualizados. Da mesma forma, as teóricas de gênero e raça, Angela Davis e Lélia Gonzalez, estavam produzindo intelectualmente naquele momento, publicando seus primeiros trabalhos no início da década de 1980. Gonzalez chegou a participar de *Versus* como colaboradora da seção Afro-Latino-América na edição nº 16 de novembro de 1977 e Davis era reconhecida internacionalmente pelos setores militantes de esquerda por conta da campanha por sua libertação da prisão, ocorrida no início da década de 1970 e por ser membro do grupo militante Panteras Negras. De maneira geral, busquei utilizar teóricos contemporâneos ao período histórico analisado, que faziam parte das discussões dos setores intelectualizados de esquerda no Brasil dos anos de 1970, para tentar compreender as percepções que os mesmos tinham de sua própria condição enquanto intelectuais.

Dessa forma, a análise das fontes primárias desta pesquisa teve como fundamentação teórica autores que discutem a categoria ‘gênero’, e sua relação intrínseca com raça e classe, e a categoria ‘intelectualidade’. Essa categorização proporcionou também que a pesquisa extrapolasse a sua fonte principal, as 16 primeiras edições de *Versus*. Ao longo do trabalho, foram utilizadas também entrevistas e depoimentos públicos de alguns indivíduos envolvidos com o periódico, como o fundador Marcos Faerman, a militante feminista Raquel Moreno, que mais tarde foi uma das fundadoras da revista feminista *Nós, Mulheres*, a atriz, jornalista e tradutora Cecília Thompson, a antropóloga Mariza Corrêa e a jornalista e ativista do Movimento Negro Neusa Maria Pereira, que estava envolvida na coordenação da seção ALA de *Versus*. Estas memórias dos agentes históricos abrem espaço para uma visão mais completa do cenário complexo da intelectualidade e dos setores intelectualizados de esquerda que se reuniam dentro da imprensa alternativa com o objetivo de poder discutir suas ideias, suas inspirações, seus projetos de futuro e poder se reorganizar politicamente no contexto de ditadura. A combinação dessas fontes, com o suporte teórico, viabiliza uma reflexão sobre as relações de poder intrínsecas ao contexto histórico e ao recorte proposto, no que se refere às questões de gênero dentro das redes de intelectualidade da esquerda brasileira daquele período.

Essas fontes, apesar de estarem conectadas em sua temática, não puderam ser analisadas da mesma maneira, pois são muito diferentes. As edições do periódico *Versus*, apesar de se autointitular como jornal, serão examinadas a partir de sua percepção como uma revista cultural. A autodenominação do mesmo como jornal está relacionada ao problema, recorrente naquele momento e espaço histórico, que decorria de se utilizar a nomenclatura ‘revista cultural’, encarada como uma produção não engajada politicamente. Por isso, o grupo fundador decidiu por intitular a produção como jornal, apesar de se aproximar de todas as formas à forma de uma revista, como periodicidade dilatada, atenção à produção editorial, manutenção de um número de páginas fixo e pautas construídas em um tempo mais longo, acarretando em reportagens densas e artigos opinativos. (CRESPO, 2018, p. 294)

A análise, portanto, teve como ponto de partida a percepção do periódico como uma revista. Essa característica da fonte permitiu que a mesma fosse analisada por alguns vieses complementares, percebendo o periódico como um “polo emissor e um campo de intersecção de propostas culturais, artísticas, literárias e políticas” e, ao mesmo tempo, analisando as relações de sociabilidade internas e externas. Dessa forma, a observação do jornal foi feita por meio da atenção ao grupo que dirigiu o projeto, o que tornou necessário o conhecimento da organização interna da fonte, do organograma e da hierarquização dos espaços de publicação. (CRESPO, 2011, p. 107) Considerando que a principal categoria de análise utilizada foi o gênero, todos esses fatores foram examinados a partir das ausências e das presenças dos textos publicados ou assinados por mulheres, de discussões sobre ideias de autoria feminina e de temáticas que discutissem questões relativas às mulheres ou às questões de gênero.

Ademais, nessa pesquisa busquei analisar as relações de sociabilidade em que estavam inseridos o jornal e os sujeitos envolvidos nele. Isto é, me preocupei em recriar as redes de relacionamento dentro e fora do periódico, buscando examinar como essas se deram e quais estruturas de poder estavam em ação, principalmente no que toca as questões de gênero e raça, não esquecendo a questão da classe. Essa perspectiva permitiu a reconstrução da teia intelectual que perpassou a revista ao longo dos anos por meio da identificação da autoria dos textos publicados, quem eram os entrevistados, quais intelectuais relevantes no cenário internacional e nacional colaboravam com o periódico de maneira voluntária e dentro disso, quais relações de poder se faziam presentes nessas interlocuções.

A utilização de documentos da imprensa como fonte primária dentro da historiografia vem sendo realizada desde o começo dos anos de 1970, com a terceira geração da Escola dos

Annales.⁹ Seu uso, de maneira semelhante aos outros tipos de fonte, possui limitações e especificidades próprias. Dessa maneira, objetivando uma análise mais completa, achei necessário examinar outras fontes, que se inter-relacionam ao periódico. Como mencionado anteriormente, a complementação, nesta pesquisa, foi feita por meio da seleção de algumas entrevistas e depoimentos públicos de membros do jornal, que discutem sobre suas experiências dentro do mesmo. Essas fontes se baseiam nas memórias desses sujeitos históricos, portanto a análise das mesmas teve de ser fundamentada nestes métodos.

O uso da memória na historiografia foi criticada por um longo tempo – herança da historiografia positivista do século XIX que buscava uma objetividade metodológica na ciência histórica – por sua característica mais subjetiva, não representando uma perspectiva neutra e objetiva como – erroneamente pensado – os documentos escritos. No ambiente acadêmico, o uso da oralidade como fonte histórica se consolidou em meados da década de 1970. O emprego da memória nessa pesquisa está relacionada diretamente à característica subjetiva desse tipo de fonte, pois permitiu que houvesse uma perspectiva mais individual sobre as relações de poder e as mentalidades dos sujeitos históricos no que se refere ao contexto e ao cenário que vivenciavam. (PICOLI, 2010, p. 168-171; 174)

Considerando que uma das categorias de análise aplicadas nesta pesquisa é o gênero, os depoimentos e entrevistas foram examinados a partir de uma perspectiva de que os autores das narrativas recriam, em suas falas, as suas experiências com base nas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero. É importante destacar que isso não significa que nas narrativas, as mulheres tem uma lembrança específica enquanto mulheres ou os homens enquanto homens, por conta de sua biologia ou natureza. A análise se baseou na noção de que há uma especificidade nessas memórias, pois estas estão marcadas pelas experiências divergentes entre si, pelas práticas socioculturais que cada sujeito assumia no contexto em que narram, por terem experienciado diferentes relações de poder a partir de suas identidades. (TEDESCHI, 2014, p. 19-22)

Estes são os caminhos teórico-metodológicos empregados ao longo deste trabalho. O mesmo foi dividido em dois capítulos, intitulados respectivamente de *Um jornal de ideias, aventuras, reportagens e cultura* e *Gênero, raça, classe e intelectuais*. No primeiro capítulo,

⁹ A Escola dos Annales teve em sua totalidade três gerações. A primeira foi a dos fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre, que foi inaugurada em 1929 com o lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*. A morte de Febvre em 1956 acarretou na nomeação de Fernand Braudel como diretor da Escola, onde ficou até se aposentar em 1972. Esse ano marca o início da terceira geração dos Annales. (LUCA, 2008, p. 112; 142-143)

busquei refletir sobre o contexto histórico da década de 1970 no Brasil e como se davam as relações de gênero dentro dos setores intelectualizados de esquerda envolvidos com o jornal *Versus*. Na primeira parte objetivei discorrer sobre as relações de intelectualidade dentro do periódico, enquanto na segunda o foco se deu nas relações de gênero dentro e fora do mesmo. No segundo capítulo, utilizei de depoimentos, um ensaio e uma entrevista de três mulheres que se envolveram com o periódico de maneiras diferentes, o que possibilitou uma análise mais específica das relações de gênero, raça e classe, a partir de suas experiências pessoais. Por fim, analisei as publicações do jornal, me atendo à quem eram as mulheres intelectualizadas que tiveram textos publicados nele, qual era o espaço reservado as suas ideias e com quais tipos de produção as colaboradoras se envolviam dentro do periódico.

2 UM JORNAL DE IDEIAS, AVENTURAS, REPORTAGENS E CULTURA

2.1 *Intelectuais e intelectualizados*

O cenário no qual nos deparamos ao direcionar nosso foco à década de 1970 na América Latina é o da ditadura, forma de regime que a maioria dos países deste continente experienciava, marcada por um clima geral de repressão e violação de direitos humanos por parte do Estado. Através dessa década e na seguinte, muitos desses países iniciaram processos de transição democrática, de forma mais ou menos lenta. No Brasil, o regime autoritário passou a enfrentar crises, de acordo com Silva (2009, p. 247), a partir de 1974, com a confluência de diversos fatores, tanto internos quanto externos.¹⁰ Por um lado, houve a elaboração do Projeto Geisel-Colbery que planejava um processo “lento, gradual e seguro” de reabertura, por outro, a oposição política, representada na figura do partido MDB, única oposição legalizada naquele contexto, ganhava força por meio de sua vitória parlamentar no ano de 1974.

As influências externas estavam relacionadas à nova política externa dos Estados Unidos, proposta na campanha eleitoral de Jimmy Carter em 1976 e aplicada com sua vitória ao cargo, e os condicionamentos da economia internacional. Carter, objetivando recuperar o prestígio internacional dos Estados Unidos – perdido com o fracasso da Guerra do Vietnã e o mandato Nixon – em sua campanha eleitoral de reforço ao enfrentamento à União Soviética, elaborou uma nova doutrina externa que buscava denunciar as violações de direitos humanos e de liberdade de expressão cometidos pelo governo soviético. Entretanto, para tanto, era necessário se basear em uma ética de universalidade, o que acarretou no afastamento do governo estadunidense dos governos latino-americanos, seus antigos aliados, acusados internacionalmente de cometerem o mesmo tipo de violações. Além disso, o outro fator externo que incidiu no início das reaberturas democráticas na América Latina foi a crise do petróleo de 1973, que teve como consequência, no Brasil, na crise do milagre econômico. Esta condicionou o ritmo da abertura, levando a opinião pública a voltar-se em sua maioria contra o regime. (SILVA, 2009, p. 253)

Na prática, a segunda metade da década de 1970 foi caracterizada no Brasil por um clima de reabertura política lenta, mas que ao mesmo tempo, não significou o fim das ações estatais de repressão e censura, que se mantiveram até meados da década de 1980. O início da

¹⁰ Apesar de enfrentar crises a partir de 1974, o regime autoritário brasileiro só começou de fato a abertura política com o decreto de revogação do AI-5 e o fim da censura aos meios de comunicação em 1978 e a aprovação da Lei de Anistia no ano seguinte. (KUCINSKI, 2001)

década marcou o fim da utopia das esquerdas que acreditavam na derrubada brusca do regime ditatorial por meio das guerrilhas armadas urbanas e rurais – a Guerrilha do Araguaia foi exceção, perdurando até 1975. Concomitantemente, crescia dentro da oposição a ideia de que o caminho para a mudança era pelo espaço político, por mais restrito que fosse. A vitória do MDB nas eleições para o parlamento sendo um desses exemplos. Todavia, esta acarretou numa resposta da vertente militar linha-dura do governo, que incrementou as ações violentas, principalmente em São Paulo, o que atingiu seu ápice através do assassinato do jornalista Vladimir Herzog em outubro de 1975 e do operário Manuel Fiel Filho em janeiro de 1976. (SILVA, 2009, p. 261-264)

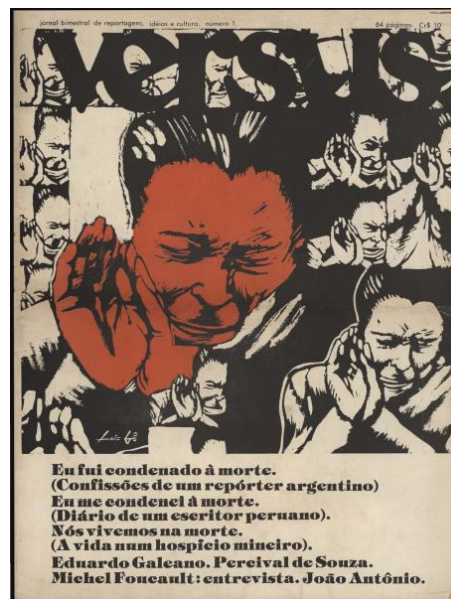
Esse era o quadro geral da década de 1970 no Brasil, com destaque para a cidade de São Paulo, um dos polos artístico-culturais no qual a esquerda intelectualizada se concentrava. A América Latina, com todas suas especificidades, passava em conjunto com outros países da Europa e os Estados Unidos por um contexto geral de reinvento da política, uma herança dos movimentos da década de 1960, principalmente do ano de 1968, com a rebelião de Maio na França, a invasão da cidade de Praga e a Revolução Cultural Chinesa. Esses acontecimentos foram encarados por uma grande parcela da juventude intelectualizada como fundamentais para romper com o conceito tradicional de política e de esquerda. (ARAÚJO, 2000, p. 15-17) Um seguimento desta esquerda, desacreditada com os resultados da experiência armada no começo dos anos de 1970, passou a buscar espaços legalizados e públicos de luta política. Dezenas de periódicos da imprensa alternativa ou nanica¹¹ passaram a surgir com as mais diversas temáticas, mas que carregavam em comum o papel de concentrar os debates políticos-ideológicos contrários ao regime militar, servindo como um dos principais espaços públicos para a luta política desse período. (KUCINSKI, 2001, p. 6)

Versus surgiu nesse contexto. Foi um jornal alternativo publicado pela primeira vez em São Paulo em outubro de 1975. Idealizado por Marcos Faerman, o periódico tinha como proposta discutir a América Latina, sua cultura e história, sob um viés das semelhanças e diferenças desses povos que aqui habitavam, suas histórias de resistência e as heranças colonialistas de seu passado. Esse periódico, que apesar de se constituir como uma revista, se autodenominava jornal, teve mais de 25 edições ao longo de quatro anos de existência, passando por modificações do corpo editorial principalmente a partir da sua 17ª edição, que o transformou

¹¹ Bernardo Kucinsky (2001) define que o termo nanica surgiu em referência ao formato tabloide da maioria dos jornais dessa imprensa e foi disseminado principalmente por publicitários, no curto período em que estes se interessaram por esse tipo de publicação.

em um jornal partidário, ligado ao movimento Convergência Socialista. As primeiras 16 edições, que se estenderam de 1975 à 1979 com uma periodicidade média de publicação a cada 2 meses, buscavam não só discutir cultural e intelectualmente a América Latina, mas também a África, percebida como uma das “mães” dos povos latino-americanos. A discussão de questões relativas aos negros passaram a tomar um corpo mais sólido com a criação da seção Afro-Latino-América, na 12ª edição do periódico, em 1977, dois anos após o lançamento da primeira edição, passando a aglutinar militantes do movimento negro. (KUCINSKI, 2001, p. 135)

Figura 1: Capa da 1ª edição do jornal, publicada em 1975.



Fonte: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>

De acordo com Araújo (2000), o jornal teve uma trajetória curiosa, que possibilita perceber as relações divergentes entre a cultura e a esquerda durante a década de 1970. Por um lado, caracterizado pela primeira fase do jornal, da primeira à 16ª edição, o jornal era constituído por um conjunto de intelectuais e jornalistas que tinham um projeto de uma publicação cultural que abordasse a América Latina e seus povos. Por outro, da 17ª edição em diante, houve a tomada de controle dos rumos do periódico por um grupo de militantes organizados que viam no jornal uma possibilidade de instrumento de luta política. Essa mudança de perspectiva aconteceu de forma gradual ao longo de 1977, se tornando completamente oficializada com a saída de Marcos Faerman do jornal em outubro do ano seguinte. Esse grupo – a Liga Operária, organização trotskista fundada por Jorge Pinheiro em 1974, que reunia exilados das ditaduras do Cone Sul, vindos do Chile e da Argentina – passou a integrar *Versus* no começo de 1977, com a aceitação dos principais editores do jornal, simpatizantes da Liga, como Omar de Barros

Filho e Vitor Vieira. Além disso, o próprio idealizador do periódico, Faerman, era próximo das ideias trotskistas, facilitando a entrada da Liga no jornal. Ainda segundo Araújo (2000), antes mesmo da transformação radical de 1977, muitos jornalistas e militantes de esquerda com alguma influência trotskista já marcavam presença no jornal, mas era uma influência teórica, não uma vinculação orgânica como a que ocorreu com a tomada de controle pela Liga Operária.

O idealizador e um dos fundadores da revista, Marcos Faerman, era um jornalista gaúcho nascido na década de 1940. Frequentou o ambiente cultural do Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre, tendo contato com a política e a esquerda desde jovem, na figura de seu tio, que se identificava como comunista. Em 1964, com o golpe civil-militar que impôs o regime autoritário, Faerman era militante do Partido Comunista, trabalhava no jornal *Zero Hora* e havia criado junto de Erico Veríssimo um Caderno de Cultura, no qual se publicavam textos de revistas estrangeiras de grandes autores e que se identificava com uma cultura rebelde. Aí estava um dos embriões da ideia de criação de *Versus*. Durante os primeiros anos de ditadura, Faerman passou a ser leitor regular do semanário uruguaio *Marcha*, por onde o jornalista começou a descobrir figuras e heróis latino-americanos como Mário Benedetti, Gabriel Garcia Márquez e Pablo Neruda, os quais mais tarde comporiam publicações de *Versus*. Em 1973 Eduardo Galeano¹² colaborou com a criação da revista argentina *Crisis*¹³, a qual também passou a ser lido regularmente pelo jornalista gaúcho. Essas experiências de leitura e publicação influenciaram Faerman a idealizar uma publicação brasileira que colocasse a América Latina no centro da discussão, tendo o imperialismo como força desagregadora de uma possível união desses povos. (KUCINSKI, 2001)

Ainda durante a década de 1960, Faerman integrou a Dissidência Leninista, divergência do Partido Comunista Brasileiro. A partir desta, o mesmo participou da fundação do Partido Operário Comunista, buscando o “verdadeiro leninismo”, os integrantes do partido faziam

¹² Eduardo Galeano (1940-2015) foi um jornalista e escritor uruguaio. Sua obra mais conhecida, *As Veias Abertas da América Latina*, foi lançado em 1971 e publicado pela primeira vez em português em 1978. Defendia ideias anticapitalistas e anti-imperialistas em seus livros, tornando-se uma figura importante para as esquerdas latino-americanas.

¹³ *Crisis* (1973-1976) foi uma revista argentina que chegou a atingir em seu pico a tiragem de 45 mil exemplares com 40 edições publicadas. O periódico reunia e divulgava ideias anti-imperialistas, sublinhando a necessidade de uma unidade continental latino-americana em resposta aos avanços dos Estados Unidos, percebido como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do continente. *Crisis* foi lançado com o capital do empresário Federico Vogelius em Buenos Aires, primeiro com a direção de Ernesto Sábato e, pouco depois, sob a coordenação do uruguaio Eduardo Galeano. Este jornalista, com o fechamento de *Crisis* em 1976, exilou-se na Espanha de onde colaborava com *Versus*. Este jornal havia recebido de Galeano, com a dissolução da revista argentina, a coleção completa desta publicação, que teve muitos textos reutilizados no periódico brasileiro. (BUCCHIONI, 2016, p. 113-114)

leituras de Rosa Luxemburgo e se aproximavam do trotskismo, por sua essência anti-stalinista. Foi por meio do POC que Faerman chegou à São Paulo, sendo eleito para a direção nacional em 1968, foi enviado à capital paulista onde passou a integrar o *Jornal da Tarde*¹⁴. Lá, acabou sendo preso pela Operação Bandeirantes, o que o levou a se afastar do POC e abandonar a militância direta, desestimulado pelas delações que vinham de Porto Alegre. De acordo com Faerman, *Versus* surgiu em um dia específico, quando foi para a cidade de Cuiabá, simbolicamente o centro geodésico da América do Sul, assistindo a um pôr-do-sol

[...] me apaixonei pela ideia de um jornal que falasse de índios, da América Latina, que tivesse aquele pôr-do-sol. Sonhei com um jornal que contasse a história dos povos da América Latina... que fosse realidade e ficção, de grandes histórias, narradas como histórias, e havia o fascismo na América Latina, havia Chile, eu queria um jornal que contasse a história da resistência na América Latina [...]. (FAERMAN apud KUCINSKI, 2001, p. 132-133)

Esse jornal foi enfim fundado em outubro de 1975. Junto de Marcos Faerman, o núcleo inicial da publicação cultural era composto também de Moacir Amâncio, jornalista que foi colega de Faerman no jornal *Ex*, Vitor Vieira, cunhado do idealizador, o gaúcho Omar de Barros Filho, conhecido como Matico, e Vilma Gryzinski. O periódico alternativo foi publicado sem nenhum capital inicial em uma gráfica de Pinheiros que já tinha o costume de imprimir jornais da imprensa alternativa. Aos cinco fundadores se juntou ao periódico como colaborador permanente Caco Barcellos, que havia fundado o COOJORNAL em Porto Alegre, primeira cooperativa de jornalistas da capital gaúcha, junto de Barros Filho. Agregados ao núcleo inicial, cerca de dez jornalistas, em sua maioria jovens, passaram a fazer parte do periódico, como Wagner Carelli, Toninho Mendes, Mouzar Benedito, Licínio Azevedo e Rivaldo Chinem. A partir da publicação da primeira edição, o jornal atraiu também universitários do curso de jornalismo, uma geração de estudantes que frequentavam o meio acadêmico paulistano no início dos anos de 1970 passaram a se congregarem em *Versus*. Além disso, colaboraram na revista intelectuais e artistas reconhecidos na América Latina, como Eduardo Galeano, Eric Nepomuceno, Fernando Moraes e Márcio Souza. (KUCINSKI, 2000, p. 133)

¹⁴ O *Jornal da Tarde* foi criado em janeiro de 1966 pelo grupo jornalístico O Estado de São Paulo com uma proposta mais popular, destacava-se por apresentar uma linguagem mais leve, buscando mesclar a língua falada com a língua escrita. Seu objetivo ao ser criado era atingir um público mais jovem, analisava os assuntos de forma mais amena, mas sem desviar-se do seu objetivo de abordar os acontecimentos diários. (NÓBREGA, 2008, p. 24-25) Segundo Neusa Maria Pereira, colaboradora de *Versus*, o *Jornal da Tarde* havia revolucionado a imprensa paulista e possuía os melhores jornalistas em termos de texto e conteúdo. Além de Faerman, Omar de Barros Filho, outro editor de *Versus*, também trabalhava lá. Pereira declara que *Versus* foi fundado por não conseguirem estes darem vazão a sua intelectualidade e a sua crença ideológica dentro do *Jornal da Tarde*, por mais revolucionário que este fosse. (PEREIRA, 2016, p. 17)

Ao longo das edições publicadas do jornal entre 1975 e 1977, *Versus* agiu como um divulgador, no Brasil, de inúmeros intelectuais latino-americanos, contribuindo como um agente importante na criação de um sentimento de latinidade que marcou alguns setores brasileiros de intelectuais e artistas da década de 1970.¹⁵ Ademais, de acordo com Araújo (2000), o periódico trazia ao seu público-leitor textos como artigos, reportagens, ensaios e entrevistas dedicados à discussão de teses do eixo França-Itália, com destaque para o trio intelectual de Foucault, Deleuze e Guattari. Dessa maneira, o jornal construiu redes de intelectualidade que permitiram um diálogo entre os autores e intelectuais latino-americanos com as correntes europeias e as figuras relevantes das discussões intelectuais da Europa. Nomes como os de Gabriel Garcia Marques e Eduardo Galeano ocupavam espaço dentro da revista em conjunto com Jean Paul Sartre e Michel Foucault.

A postura tomada pelo grupo editorial que geria os rumos do jornal até fins de 1977 quanto à noção de intelectualidade é muito interessante de ser analisada, visto darem grande parte do espaço das publicações à discussões intelectuais, artísticas ou culturais. Comentários e posições críticas à intelectuais ou à figura do intelectual afastado do povo aparecem algumas vezes ao longo das publicações e, em geral, tomam o mesmo ponto de vista. No editorial de comemoração do aniversário de um ano de publicações do periódico, é possível perceber o desejo do grupo editorial de se afastar do estereótipo construído acerca dos intelectuais, mas que, ao mesmo tempo, não acreditava no cesso de discussões intelectuais:

Há um ano, *Versus* nasceu. No dia 22 de outubro. Num cenário sombrio. Trazíamos uma proposta: fazer um jornal brasileiro assumindo a América Latina. Em que a busca de nossas raízes fosse um programa. No qual a História seria um tema tão importante quanto ‘as novidades’. Um jornal sem vergonha de assumir a reflexão e a cultura, num momento em que na grande imprensa Letra, Artes e Pensamento eram relegados à condição de ‘variedade’. Ao mesmo tempo, não sentíamos *Versus* com um ‘revista literária’. (Algumas vezes, assim fomos chamados – e isto nos aborreceu). Nem como uma ‘revista cultural’. Talvez porque nosso conceito da literatura e de cultura nos conduzisse a outros caminhos. [...] Um jornal distante das igrejinhas intelectualistas. Mas, ao mesmo tempo, estranho à demagogia populista que tanto fascina alguns. Um jornal que não tem vergonha de ser apaixonado, apesar da moda ser o sociologuês e o economês. Um jornal que mistura Cortazar e Histórias em Quadrinhos. Futebol e reflexões sobre o colonialismo cultural – memórias de um operário nordestino

¹⁵ Apesar de ser vendido em seu primeiro ano de existência somente de mão em mão, o periódico, que começou sendo produzido por poucos jornalistas sem nenhum capital inicial, sem empresa e sem equipamentos, chegou a atingir em seu auge entre julho e novembro de 1977, uma venda de mais de 35 mil exemplares por edição. De acordo com Kucinski (2001, p. 131), o sucesso de vendas estava diretamente relacionado à originalidade e beleza das edições.

devorado por São Paulo (com aquela ‘fala errada do povo, fala certa do povo’ de que dizia Manuel Bandeira) e uma entrevista com Michel Foucault (que Foucault amou).¹⁶

O jornal se declarou “distante das igrejinhas intelectualistas”, ao mesmo tempo que era “estranho à demagogia populista que tanto fascina alguns”. Ainda reunia num mesmo espaço a “fala errada” de um operário nordestino em São Paulo com uma entrevista de Michel Foucault. A partir disso, é possível inferir que o periódico percebia a si mesmo como um intermédio entre dois polos opostos, enquanto não se identificava com as “igrejinhas intelectualistas”, também não acreditava numa simplificação ou na omissão de discussões intelectuais. Achava necessário discutir sobre questões complexas, advindas das ideias de intelectuais latino-americanos e europeus, mas de uma forma que não se tornasse um instrumento de afastamento para com o público em geral. Do contrário, que fosse possível aproximar esses leitores de discussões relevantes de cunhos filosófico, ético, cultural ou artístico, que possibilitariam uma reflexão sobre a própria experiência vivida dessas pessoas dentro do contexto em que se encontravam. Dessa maneira, se propunha a ter uma perspectiva mais aberta à diferentes ideias, não sendo “fiel” somente a uma perspectiva ou linha teórica.

Essa perspectiva era compartilhada por muitos jornais da imprensa alternativa. De acordo com Araújo (2000), as estruturas de poder desse tipo de jornalismo tinham propósitos democráticos e participativos. Considerando que essas publicações eram uma das principais formas de discussão e luta política das esquerdas durante as ditaduras civis-militares da América Latina, os grupos que as geriam tinham objetivos específicos de discussão. Uma das concepções vigentes dentro da imprensa alternativa e, conseqüentemente, dentro das esquerdas que utilizavam dessa plataforma para debaterem suas ideias, estava relacionada às ideias de Antônio Gramsci. Esse intelectual italiano entendia os jornais como entidades autônomas que tinham como principal propósito contribuir para a formação de uma consciência crítica nacional. Dessa forma, *Versus* pode ser percebido como inserido dentro dessa perspectiva. Os espaços reservados dentro do periódico à discussões de ideias filosóficas, culturais e artísticas são espaçosos, entretanto, não buscam dificultar o entendimento das mesmas com uma linguagem extremamente técnica.

Segundo Kucinski (2001, p. 68), a derrocada das experiências armadas de luta contra os regimes autoritários resultou, dentro na esquerda, numa mudança de perspectiva sobre os caminhos que deveriam ser tomados para retornar ao sistema democrático. Nesse interim,

¹⁶ VERSUS, 1976, ed. 6, p. 2

principalmente a partir de 1968, houve uma busca, dentro dos setores intelectualizados brasileiros, aos trabalhos de Gramsci. Esse teórico influenciou profundamente os intelectuais da década de 1970, que encontraram nele uma figura que havia estudado os problemas da ação política em condições adversas, em cárcere, em uma situação de derrota física, simbolicamente próximo do que passavam os intelectuais de esquerda no Brasil com o fim da utopia da luta armada. A figura do intelectual orgânico de Gramsci, ou seja, de um pensador ou trabalhador intelectual que objetivava contribuir para a formação de uma consciência política dentro da classe operária, passou a ser um referencial dentro dos setores intelectualizados brasileiros. Entretanto, o mesmo não ocorreu dentro dos círculos militantes de esquerda, estes ainda se inspiravam nas ideias de Lenin, mesmo que muitos estivessem experienciando a derrota da experiência armada como prisioneiros. (KUCINSKI, 2001, p. 78)

Ao declararem no editorial de aniversário que eram um jornal “que não tem vergonha de ser apaixonado, apesar da moda ser o sociologuês e o economês”, mais uma vez *Versus* buscou se afastar de uma linguagem considerada técnica e afastada do subjetivo. Influenciado pelas heranças do ambiente cultural e artístico da década de 1960, o jornal buscava discutir temáticas da América Latina e da África a partir da valorização das emoções, de uma visão política que levasse em consideração as subjetividades dos povos desses espaços geográficos que tinham um passado comum de dominação e exploração colonial. No continente latino-americano, havia ainda o presente em comum, aquele em que os povos estavam submetidos às ditaduras militares. Dessa forma, as emoções frequentemente acompanham os textos publicados no jornal, principalmente o terror, o medo, a angústia e o pânico. Buscavam refletir dessa forma o passado e o presente aterrorizante pelo qual os diferentes povos da América Latina estavam submetidos. (ARAÚJO, 2000, p. 137)

As esquerdas posteriores à experiência da luta armada encontraram dentro da imprensa alternativa um espaço para discutir sobre essas novas preocupações teóricas, intelectuais, artísticas e culturais. Sendo o jornal *Versus* um desses espaços. Esses novos grupos intelectualizados foram influenciados pelas experiências contraculturais do final da década de 1960, o que significou um aprofundamento de questões tais como: a valorização do cotidiano, do indivíduo, das relações pessoais, da politização dos sentimentos e das emoções e da desconfiança com formas hierárquicas de organização. Dessa forma, romperam com aspectos importantes da cultura marxista tradicional, trazendo uma valorização das ideias de participação direta e do falar em nome próprio, ou seja, da singularidade, da especificidade, da diferença.

Ao se afastarem da ortodoxia marxista, buscaram inspirações em outras fontes como Trotsky, Gramsci, Mao e Rosa Luxemburgo. (ARAUJO, 2000, p. 99)

No cenário internacional, os trabalhos dos teóricos do eixo França-Itália foram muito importantes para ancorar as novas discussões sobre as especificidades dos sujeitos e das lutas de movimentos minoritários. Levantando questões gerais, políticas e filosóficas, esses intelectuais, já mencionados, como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari colocaram em debate essas novas subjetividades, pensando a própria política de forma diferente, como um exercício difuso do poder. A partir dessa base teórica-conceitual em voga no período, os sujeitos eram percebidos em essência como diferentes, perpassados por diferentes relações de poder dentro de sua realidade, entretanto, as diferenças não os isolavam do resto, mas sim possibilitavam a interrelação entre suas especificidades. (ARAUJO, 2000, p. 101; 111-112)

Versus declarou que, ao mesmo tempo, reunia em sua publicação a fala do povo e uma entrevista com Foucault, destacando ainda que o mesmo teórico havia “amado” o resultado. Dessa forma, apesar do jornal buscar se afastar de uma identificação com um certo tipo de intelectualidade, o mesmo se apoia nas discussões intelectuais realizadas na Europa, com destaque para as ideias de Foucault, o qual ganhou um espaço relevante na primeira edição do periódico, ao publicarem sua entrevista.¹⁷ A própria ação de abrir espaço no periódico para que a “fala errada” de um nordestino aparecesse, sem a modificar para atender as regras gramaticais já é um resultado das novas noções de intelectualidade advindas das ideias do Eixo França-Itália. Em um conversa entre Foucault e Deleuze, em que os dois teóricos discutem sobre as relações entre os intelectuais e o poder, surge a seguinte declaração, dita pelo primeiro.

Os novos intelectuais perceberam que as massas não necessitam deles para saber, elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Entretanto, existe um sistema de poder (penetrado muito fundo na sociedade, não só em instâncias superiores de censura) que barra, invalida esse discurso e esse saber. [...] Portanto, o papel do intelectual mudou, não é mais se colocar na frente para dizer a muda verdade de todos, mas sim é lutar contra as formas de poder onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento. (DELEUZE; FOUCAULT, 1979)

¹⁷ De acordo Mariza Corrêa (2001, p. 16), colaboradora de *Versus*, no ano de 1975 Michel Foucault estava no Brasil dando uma série de palestras na Universidade de São Paulo quando ocorreu o assassinato do jornalista Vladimir Herzog pela polícia na cadeia. Em função disso, declarando em nota que era impossível realizar uma discussão livre sob o tacão da botas da ditadura, Foucault interrompeu seu trabalho e aceitou um convite de estudantes da UNICAMP para falar no seu Centro Acadêmico. Segundo Corrêa, a partir dessa visita Foucault teve grande impacto teórico sobre os pesquisadores brasileiros.

Na entrevista concedida por Michel Foucault ao jornal no ano de 1975, o teórico francês, ao ser questionado quanto à essência do trabalho do intelectual pelo entrevistador: “[...] seria descobrir o que a mistificação do poder encobre... é isso?”, declara que o papel do intelectual consiste em trazer à tona, tornar visível, os mecanismos do poder repressivo que são exercidos de maneira dissimulada. Porém, além disso, o intelectual deveria demonstrar que o poder não só tem a função de reprimir – no sentido de impedir, punir e colocar obstáculos – como também perpassa todos os âmbitos sociais, produzindo saberes, provocando prazer e criando desejos. Em outra parte da mesma entrevista, os entrevistadores de *Versus* questionam Foucault sobre as relações entre o trabalho intelectual e a prática da sociedade. O mesmo defende que o trabalho intelectual deveria colocar seu debate no nível político, expor como se formavam as relações ou centros de poder e não atacá-los por meio do que ele chamava de “críticas especulativas”, mas sim através de uma organização política real que possibilitasse o questionamento dos exercícios de poder em ação dentro das próprias estruturas de poder.¹⁸

É relevante perceber como as percepções sobre o papel social dos intelectuais, principalmente na realidade brasileira e latino-americana da década de 1970, eram construídas com base em leituras e discussões de diferentes pensadores e teóricos. *Versus* era um veículo da imprensa alternativa que reunia indivíduos que se situavam na esfera oposicionista ao regime autoritário vigente, com influências majoritariamente trotskistas e absolutamente anti-stalinistas e, por consequência, afastados da ortodoxia marxista. Dessa forma, o jornal passou ao longo dos anos por diferentes percepções do papel da intelectualidade na prática real política. O espaço reservado à entrevista de Michel Foucault e as perguntas realizadas ao mesmo quanto à essa questão, do papel reservado aos intelectuais, demonstram um apreço pela ideia da participação política como forma real de intervenção na sociedade e, ao mesmo tempo, defendem que o povo fale por si, lutando ao mesmo tempo como “objeto e instrumento” contra as relações de poder inseridas no contexto político-social em que participavam.

As obras de Michel Foucault, na década de 1970, eram lidas por diferentes grupos sociais do país. O movimento feminista, por exemplo, que passou a se desenvolver no Brasil com mais força nesse período – na denominada segunda onda do feminismo¹⁹ – foi também

¹⁸ VERSUS, 1975, ed. 1, p. 30-31

¹⁹ A história contemporânea do feminismo foi dividida, para fins de estudo, em algumas “ondas”. A primeira se desenvolveu no final do século XIX tendo seu principal ponto de discussão voltado à reivindicação dos direitos políticos e dos direitos sociais e econômicos como o trabalho remunerado, estudo, propriedade e herança. A segunda onda, por sua vez, surgiu depois da II Guerra Mundial, principalmente a partir da década de 1960, voltando-se para as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado, compreendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres. (PEDRO, 2005, p. 79)

influenciado pelas teorias de Foucault, principalmente no que diz respeito à sua abertura para discussões acerca de questões como o poder, o corpo, as resistências e a tecnologia de si, que se tornaram importantes para a crítica feminista. As intersecções entre o pensamento deste filósofo e os feminismos também apareciam na possibilidade de criação de novos espaços de liberdade e o questionamento dos modelos de feminilidade. As feministas, ao afirmarem que “o sexo é político”, que também continha relações de poder, rompiam com os modelos políticos tradicionais, apontando para o caráter também subjetivo da opressão e para os aspectos emocionais da consciência, o que revelava as conexões entre as relações interpessoais e a organização política pública. (NICHNIG, 2008)

Na edição 7 do jornal, publicada no mês de dezembro de 1976, um texto de autoria de Mouzar Benedito, intitulado *A Amazônia existe!*, discorre acerca das relações de produção intelectual e artística no país.

Os amazonenses estão produzindo. E em suas produções intelectuais não se sente domínio ou sequer influência do eixo Rio-São Paulo, determinante dos gostos e da estética do país. Os amazonenses criam seu próprios padrões, baseados na realidade da sua região; Eles não estão copiando. E nem precisam disso. Primeiro foi no teatro, com peças que interessam ao próprio amazonense, falando de sua própria vida, seus problemas e discutindo seus heróis.²⁰

O autor destaca a existência das produções realizadas fora dos grandes centros urbanos brasileiros, questionando dessa maneira as relações de poder que se faziam presentes dentro dos círculos intelectuais do eixo Rio-São Paulo. Abrindo espaço para discutir as produções feitas pelos amazonenses em um jornal que circulava dentre grupos intelectualizados e artísticos paulistanos, o autor permite que haja uma autorreflexão sobre o tipo de conteúdo consumido dentro desses setores. Além disso, ao destacar que os amazonenses não estavam copiando as produções paulistas e cariocas, que estes não precisavam disso, pois produziam produtos culturais relevantes a sua própria realidade, Benedito esclarece que estes falavam muito bem por si. Demonstrando mais uma vez como as concepções foucaultianas quanto às relações de poder e à intelectualidade estavam presentes dentro das publicações de *Versus*.

No ano seguinte, em 1978, *Versus* publicou na sua 14ª edição um depoimento de Almino Affonso, que tinha sido deputado federal antes do golpe de 1964 e ministro do trabalho do governo João Goulart, no qual o mesmo discutia, ao conversar com Francisco Weffort, sobre as relações entre os intelectuais e a política. Affonso ficou exilado no Chile por 12 anos,

²⁰ VERSUS, 1976, ed. 7, p. 42

retornando à São Paulo somente em 1976. Ao longo do depoimento, o mesmo defende alguns posicionamentos diferentes do que era discutido no jornal até então no que diz respeito à essência do trabalho intelectual. Segundo ele, desde 1975, crescia no Brasil uma outra forma de manifestação intelectual, ligada principalmente aos cientistas sociais, que passaram a se preocupar academicamente com os processos sociais e políticos da realidade brasileira. Essas análises críticas, por terem sido realizadas em um momento de autoritarismo, tomaram um papel de ressonância política, transcendendo dessa maneira os limites do campo acadêmico.

Persiste um ‘vazio político’. Nessas circunstâncias, a crítica social e a crítica política, formulada de um ângulo intelectual, assumem uma importância efetiva. [...] Tento uma distinção entre o político e o intelectual. Enquanto o político visa, principalmente, a ação e a busca e através dela a conservação ou a transformação social, o intelectual vê o fenômeno político ou social de um ângulo analítico. Está claro que entre os dois polos há zonas cinzentas. [...] O espaço político ainda continua vedado às classe populares. Ou seja, a ação política propriamente dita ainda continua impedida. Assim enquanto os setores populares tenham a voz silenciada, os intelectuais, ao falarem, efetivamente falam algo que traduz sentimentos ou protestos de amplos setores sociais. [...] O que busco, nessa digressão, é entender porque o espaço político, de algum modo, cabe a intelectuais e estudantes, e a trabalhadores não.²¹

Essa visão do papel dos intelectuais de Affonso está mais próxima das concepções sobre o tema que eram discutidas dentro dos círculos militantes de esquerda. É interessante que esse depoimento apareça na edição 14, quando *Versus* já agregava muitos integrantes da Liga Operária, o partido de orientação trotskista que no ano seguinte tomaria conta do jornal e que defendia a insuficiência da ideia da “cultura como ação política”. Affonso defende uma diferenciação entre o intelectual e o político, enquanto o primeiro observaria os fenômenos políticos ou sociais por um ângulo analítico, o segundo visaria a ação e a busca para transformar ou conservar a sociedade. Entretanto, na mesma fala, Affonso declara que o espaço político estava sendo ocupado por intelectuais e estudantes e que, aqueles que tinham a voz silenciada nesse contexto – as classes populares – tinham seus sentimentos e protestos traduzidos por meio das falas dos mesmos intelectuais.

Dessa forma, as concepções do papel reservado aos intelectuais e dos setores intelectualizados da sociedade brasileira divergiam dependendo das categorias políticas nas quais os indivíduos inseriam-se. Variando de leituras de Antônio Gramsci à Michel Foucault, a imprensa alternativa foi um dos meios para as diversas discussões intelectuais que se

²¹ VERSUS, 1977, ed. 14, p. 12-16

desenrolaram ao longo da década de 1970. Estas giravam em torno, principalmente, do confronto entre duas grandes concepções teóricas: a totalidade ou a fragmentação. O marxismo tradicional baseava toda sua teoria nas noções de universalidade, ou seja, na defesa de um método único – o modo de produção – que pudesse dar sentido ao conjunto da vida social humana. Até meados dos anos 1970, os movimentos críticos ao comunismo oficial, anti-stalinistas, ainda se baseavam nessas categorias tradicionais marxistas, as readaptando e incorporando ao projeto de transformação da sociedade a ideia de mudar as formas do cotidiano. Do meio para o fim da década isso mudou, os movimentos específicos passaram a insistir na valorização do específico e da fragmentação e recusar a categoria de totalidade como projeto político e categoria de análise. Essa fragmentação não era só dessa totalidade, mas também da consciência dos sujeitos, o que acarretou em uma significação das lutas particulares como tendo sentido por si sós, não convergindo necessariamente a um objetivo geral comum, mas comunicando-se entre si. (ARAUJO, 2000, p. 102; 110)

Os setores da intelectualidade brasileira da década de 1970 a quem me refiro estão intrinsecamente relacionados à classe média, àqueles que tiveram acesso à educação superior e à leituras e discussões teóricas, políticas, filosóficas e culturais nacionais e internacionais. Dentre essa porção da população do país estavam indivíduos como estudantes politicamente ativos, professores universitários, profissionais liberais, artistas, jornalistas e publicitários, por exemplo. A participação dessa parcela de cidadãos na oposição à ditadura, na luta pela democracia ou nas organizações e movimentos de esquerda foi variável ao longo dos 21 anos de autoritarismo, mas ao mesmo tempo, foi significativa. De acordo com Almeida (1998, p. 326), baseando-se nos dados da obra *Brasil: Nunca Mais*, das 3.698 pessoas com ocupação conhecida que foram processadas – de um total de 24.124 –, 906, praticamente um quarto desse total, eram estudantes, seguidos de 599 profissionais liberais com formação superior e 319 professores. Dos 9.549 envolvidos em processos e que há informações sobre escolaridade, aproximadamente 60% tinham curso universitário.

A universidade possuiu um papel central, dentro do contexto de autoritarismo da segunda metade do século XX, de concentrar as relações entre o privado e o político para aqueles inseridos em seu cotidiano, com destaque para os estudantes. Parte da classe média intelectualizada da década de 1970 frequentou o ambiente universitário ao longo dos anos de 1960. No período entre 1964 e 1968, a universidade servia como o local em que se criavam as redes próximas de relacionamento entre os jovens, em que havia movimentação no sentido de buscar “fazer algo” contra a ditadura e onde se encontravam as entradas para as organizações e

movimentos oposicionistas. Isso significa que uma parcela dos intelectuais e da classe média intelectualizada brasileira iniciou-se politicamente através do ambiente propiciado pelas universidades, como as assembleias estudantis, os atos públicos em recinto fechado, as greves, e as passeatas de protesto. Acima de tudo, nesse interim, os estudantes tiveram acesso e contato próximo à leituras e publicações de esquerda, com destaque para as produções latino-americanas de Carlos Fuentes, Pablo Neruda, Nicolás Guillén, Miguel Ángel Asturias, Cortazar e as figuras e obras de Che Guevara, Debray e Camilo Torres. A lista de *best-sellers* do Rio de Janeiro de 1968 é um exemplo disso com publicações de Marx, Mao, Guevara, Lukács, Gramsci, Marcuse, Normal Mailer, James Joyce e Hermann Hesse. (ALMEIDA, 1998, p. 364-365)

Nesse mesmo período passou a ocorrer uma entrada massiva de mulheres nas universidades, que passou a aumentar na década seguinte. De acordo com Wolff (2007, p. 28), os anos de 1960 foram palco para uma ascensão relevante de mulheres ao mercado de trabalho e também ao ambiente universitário no Cone Sul. Na Argentina, por exemplo, o censo universitário de 1963 demonstrou que 41% do total de estudantes eram mulheres. Segundo Margareth Rago (1998, p. 90), a entrada das mulheres nos círculos universitários vinha produzindo, a partir da década de 1970, uma certa “feminização do espaço acadêmico e das formas de produção de saberes”. A partir desse aumento da presença feminina nas academias, houve também um aumento de temas e problematizações específicas, sobre o universo das mulheres e suas inquietações. Progressivamente, isto repercutiu numa produção acadêmica que dava visibilidade ao que a autora chamou de uma “cultura feminina”, que discutia questões até então não encaradas como relevantes.

Os estudantes que frequentaram a universidade na década de 1970, mais particularmente a partir de 1974, tiveram uma experiência diferente dos anteriores. Enquanto o cotidiano universitário se aproximava do vivido pelos estudantes de 1964-1968, o espírito era outro. Com o fim da utopia da luta armada como resolução para o fim do regime ditatorial e o caminho para a revolução, as discussões e leituras dentro das universidades se transformaram com as influências internacionais da contracultura e dos trabalhos dos intelectuais do eixo França-Itália. As leituras passaram a ser de autores tais como Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, Roland Barthes, Michel Foucault, Georges Bataille, Júlio Cortázar, Manuel Bandeira e Murilo Mendes. É claro que em diferentes universidades e setores das mesmas as experiências se diferenciavam. De acordo com Almeida (1998, p. 366-376), essas discussões eram mais fortes dentro dos centros das faculdades de filosofia e direito.

Essa classe média intelectualizada, no período que cobriu o início do processo de abertura do regime ao fim do mesmo, de 1974 à meados de 1980, adquiriu um novo espaço de oposições que tinha sido reduzido a partir da implementação do AI-5, em 1968. Entretanto, esse espaço foi variável, havendo momentos de retração e de ampliação. As ações repressivas de 1975 que culminaram na morte de Vladimir Herzog e a censura de dezenas de livros e peças em 1976 demonstram isso. As vedações totais e parciais perduraram até a revogação do AI-5 em 1978, objetivando calar não só as obras, mas principalmente os autores. Além disso, os vetos não eram realizados somente em produções explicitamente políticas, mas em qualquer obra que, pela perspectiva militar, fosse contra os “valores da civilização cristã ocidental”, que acreditava-se estar ameaçada, ao mesmo tempo, pelo comunismo internacional e pela denominada revolução dos costumes. (ALMEIDA, 1998, p. 335-342)

2.2 A questão do gênero

No mês de janeiro de 1975, como parte do projeto de distensão política elaborado pela gestão Geisel-Colbery, houve um abrandamento da censura à imprensa, começando pelo fim da censura prévia do jornal *Estado de São Paulo* e do *Jornal da Tarde*. Alguns meses depois, *O Pasquim*, um dos jornais alternativos mais conhecidos do período, também passou a não ser censurado previamente. Outros jornais alternativos do período, entretanto, não receberam o mesmo tratamento tendo, inclusive, a censura intensificada, só parando o processo com a dissolução do AI-5 em 1978. *Versus* foi um dos poucos jornais da imprensa alternativa com uma tiragem relevante que não foi alvo direto da censura²², o que pode ser atribuído a sua linguagem mais simbólica e metafórica, que buscava alegorias e relembrava heróis do passado. O jornal buscava suscitar sentimentos e emoções em seus leitores para com a situação na qual se encontravam os países latino-americanos, mas não abria espaço para discussões políticas explícitas ou autocríticas das esquerdas. (KUCINSKI, 2001)

Versus buscava, por meio da publicação de textos de figuras históricas como José Martí e Simón Bolívar refletir sobre a história de resistência que unia os sujeitos latino-americanos. Procurava abrir espaço para que os leitores refletissem acerca das semelhanças e diferenças entre esses diversos indivíduos que compartilham uma herança de sofrimento, dor e luta. No

²² Apesar disso, de acordo com uma integrante do jornal, Neusa Maria Pereira, todos os jornalistas de *Versus* estavam fichados no DOPS. (PEREIRA, 2016, p. 21)

editorial da edição número 7 do periódico, o grupo diretor definia que a ideia para o surgimento do mesmo estava diretamente relacionado à uma busca de identidade.

Acontece que um grupo de jornalistas e intelectuais concluiu que era necessária uma publicação voltada para o presente, o passado e o futuro de nosso continente. Conhecemos muito pouco de nossa imagem real. Desde os tempos coloniais, recusamos nosso ser continental. [...] Estas são algumas das inquietações de Versus [...] o de procurar o fogo que há em toda a cinza. O fogo, isto é, a vida. Buscar os arquétipos de nossa identidade. Onde está Nossa América? Nas flautas de nossos índios? Nas ruínas dos Sete Povos das Missões? Na pele de um emigrante nordestino? No medo de um fuzilado de Buenos Aires? Nos escritos de José Martí? No testamento do Padre Burnier? Em Zapata, San Martín, Bolívar? Nos quadrinho de Jô de Oliveira? Na voz de Noel Guarany? [...] E, para nós, escreveram muitas culturas, de Eduardo Galeano, Murilo de Carvalho, Érico Veríssimo, Júlio Cortázar, até o Índio Daniel Cabixi. Também estamos atentos à África, uma das Mães de nosso povo.²³

É muito relevante se ater a como o grupo diretor buscou nesse editorial destacar a identidade dos povos latino-americanos como relacionada à feitos e sujeitos masculinos. Em nenhum trecho do editorial há a menção da presença de mulheres como relevante para a construção de uma identidade supostamente latino-americana. O gênero feminino só aparece quando se destaca a relevância do continente africano, o qual é alegorizado como uma “mãe” para o povo desta região. Essa ausência das mulheres no que diz respeito à figura do “povo” da América Latina é percebida em outras partes do jornal, ao longo de outras edições. Por exemplo, na edição seguinte, como introdução à uma das publicações mais extensas da mesma, que foi denominada Ciclo da Terra, os autores discorrem sobre os diferentes sujeitos latino-americanos.

“Onde estão as raízes da nossa terra? Quem são eles, os heróis sem nome, sem rosto? Gaúchos a pé, índios, garimpeiros, seringueiros, tropeiros, os homens das ruas e dos edifícios de São Paulo? Eis o Ciclo da Terra. Histórias de nossa gente. De quem é a mão que busca a seiva da terra e da árvore? Quem recebe o invasor numa praia perdida no tempo? O que canta o velho pajador no pampa? Quem percorre os caminhos nas montanhas? Quem vive nossa história?”²⁴

Ao introduzirem as “histórias de nossa gente”, os autores mencionam diferentes sujeitos, mais uma vez, todos masculinos. É também relevante como as situações descritas são masculinizadas, como os trabalhadores que buscam a seiva nas árvores, os guerreiros que

²³ VERSUS, 1976, ed. 7, p. 2

²⁴ VERSUS, 1977, ed. 8, p. 3

defendem o território quando o invasor aparece ou os corajosos que percorrem os caminhos das montanhas. De forma a finalizar o texto, questionam ainda “quem vive nossa história?”. É possível perceber como as mulheres e suas características não aparecem como relevantes na história de resistência do continente. É possível que a proposta dos escritores desses dois trechos subentendia a presença das mulheres nessa história. A sociedade brasileira da década de 1970 – e a imprensa alternativa não está fora dela, apesar de ter ido, majoritariamente, em contrário à ela – não levava em grande consideração as lutas pelos direitos das mulheres ou pelos questionamentos da posição das mulheres na sociedade como algo relevante, mesmo que isso já estivesse sendo discutido em setores progressistas das populações de outros países. (KUCINSKI, 2001)

Até o final da década de 1960, as mulheres, dentro da sociedade brasileira, possuíam pouco espaço na política e nos rumos da sociedade. A norma era a não participação delas em discussões e movimentos políticos, apenas em momentos em que se fazia necessário reafirmar seus papéis de “mães-esposas-donas-de-casa” como nos movimentos femininos que apoiaram o golpe militar de 1964.²⁵ A presença das mulheres em grupos armados, de acordo com Ridenti, era, em média, de 18% do total, o que significou, naquele momento, um progresso na luta pela liberação feminina, que passou a agir em prol da superação do estereótipo da mulher restrita ao lar doméstico, mesmo que sem uma teoria e discussões especificamente feministas, o que só se tornou mais visível posteriormente, nas décadas de 1970 e 1980. (RIDENTI, 2010, p. 154; SILVA, 2019, p. 20-21)

A questão das mulheres na imprensa alternativa, dessa forma, seguiu a sociedade de forma geral, adaptando-se a suas próprias perspectivas de mundo. O periódico *O Pasquim*, por exemplo, desprezava as discussões feministas por meio de publicações humorísticas que caracterizavam esses debates como sendo fruto de uma moral de classe média. Além de, muitas vezes, associarem o feminismo à frustração sexual ou até mesmo à homossexualidade.²⁶ O desdém pela discussão dessas questões não acontecia da mesma maneira ou, até mesmo, não

²⁵ No início da década de 1960 passaram a surgir organizações femininas conservadoras em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte que tinham em comum o temor do comunismo, o desejo de resguardar a família e a pátria e a defesa dos valores da Igreja Católica e do catolicismo. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que se mobilizou em defesa dos valores tradicionais da sociedade brasileira como a religiosidade, a pátria e a família, é um dos episódios mais conhecidos desse contexto. (SESTINI, 2007)

²⁶ Para saber mais sobre essas relações, SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2005, vol.13, n.3, pp.591-612; CRESCÊNCIO, C. L. (2016). É para rir ou para chorar? O riso feminista brasileiro em tempos de ditadura (1970-1980). *História, histórias*, 4(7), p. 109-128.

aparecia em todas as publicações da imprensa alternativa. (KUCINSKI, 2001) Em *Versus*, ao longo das 16 edições analisadas, apareceram três publicações que discutiam a situação das mulheres dentro das sociedades ocidentais. Na quarta edição, há a publicação de um debate entre Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir que havia sido televisionado na França, intitulado “Sabe, Sartre, os seus livros são um pouco machistas”. Na nona edição, consta um relato de Diana Bellessi, colaboradora do jornal, intitulado “Acertamos as contas, compadre!”, sobre a situação das mulheres operárias latino-americanas em Nova York. Por fim, na 15ª edição, Susan Griffin, poeta e socióloga, escreveu em um ensaio intitulado “A violação” uma análise acerca dos limites impostos pela sociedade ocidental à libertação feminina.

Nos movimentos de esquerda, de modo geral de fins da década de 1960 e princípio dos anos de 1970, ou seja, aqueles que após o ano de 1968 e a implementação do AI-5 decidiram pela oposição política à ditadura por meio das guerrilhas armadas, as relações entre os sexos eram diferentes das da sociedade conservadora. Esses movimentos de esquerda que buscavam realizar a revolução e a transformação da sociedade ao socialismo se baseavam no ideal revolucionário que definia o reconhecimento da igualdade entre os sexos. Isso era colocado em prática nas divisões igualitárias das tarefas cotidianas, entretanto, no que dizia respeito à distribuição das responsabilidades políticas dentro das organizações, as coisas não seguiam essa lógica, como relata uma testemunha, denominada Vânia, sobre as relações de gênero dentro dos movimentos revolucionários armados da década de 1960:

Em relação à questão das tarefas domésticas, todos os homens eram meio domésticos, lavavam pratos. Não era grande desdouro, não era essa a questão. Isso fazia parte do esquema revolucionário. A mulher deixou de ser virgem, o homem deixou de ser macho, lava pratos, faz comida, é bom cozinheiro. Eu acho que isso não era o fundamental. As análises, as grandes análises, a estratégia e a tática, isso era o que importava. E isso eram eles que faziam. (COSTA, 1980, p. 113 apud ALMEIDA, 1998, p. 403)

Neste relato, a testemunha declara que, apesar de haver uma aparente busca pela igualdade de gênero entre os membros das organizações, o trabalho intelectual de montagem de estratégias, táticas e análises era realizado, majoritariamente, pelos indivíduos masculinos. As mulheres ainda não eram percebidas como completamente capazes de comandar essas questões, pelo menos não em situações em que havia homens com capacidade para tal. Ademais, como herança das ideias contraculturais e o questionamento da moralidade sexual feminina, ao declarar que a “mulher deixou de ser virgem” e que isso “não era o fundamental”, a testemunha demonstra como para as mulheres de esquerda o repúdio aos comportamentos

tradicionais – designados “pequeno-burgueses” – objetivava não só a possibilidade de agir livremente no que tangia aos desejos sexuais, mas também e, principalmente, uma autonomia para além da vida doméstica, para a atividade política. (ALMEIDA, 1998, p. 401; WOLFF, 2007, p. 33)

Uma colaboradora de *Versus*, a jornalista, tradutora e atriz Cecília Thompson, em depoimento acerca dos anos de resistência à ditadura a partir da promulgação do AI-5, descreve qual era seu papel nesse meio:

Eu não fazia jornal, mas naquele tempo fazia cinema. Vindo do Teatro de Arena, onde conhecera Gianfrancesco Guarnieri e com ele me casara, pelo menos sabia organizar grupos de ‘opinião e ação’ e, principalmente, ser ‘tarefeira’. Marcar ‘pontos’, ir a reuniões, ‘secretariar’ encontros do Partido (que era a nossa frente organizada de luta), virei uma, como direi, pomba-correio entre vários grupos de ‘intelectuais de esquerda’ que, embora divergindo quanto às formas de luta, concordavam todos no objetivo: derrubar a ditadura. (THOMPSON, [201-?], p. 1)

Ainda no mesmo texto, Thompson declara que sua linha de resistência não era a luta armada, entretanto, assim como a experiência relatada por Vânia anteriormente, os papéis reservados à elas acabavam sendo à margem das análises e estratégias. A jornalista descreve seu papel naquela organização como a de uma “pomba-correio” entre os grupos de intelectuais de esquerda, mas não percebe a si mesma como uma deles. Além disso, se autodeclara como “tarefeira” e também que “secretariava” encontros do Partido, demonstrando mais uma vez a manutenção de certas características da relação patriarcal entre os gêneros dentro dos movimentos de resistência ao regime autoritário, com mulheres tomando cargos de mensageiras e secretárias e os homens posições centrais de planejamento, análise e discussões intelectuais. Reafirmando, dessa forma, que as mulheres deveriam desenvolver funções que lhe eram socialmente atribuídas, relacionado o gênero ao corpo, às práticas cotidianas e as tarefas conferidas a cada militante. (BRIGGMANN; WOLFF, 2019, p. 305)

De acordo com Ridenti (2010, p. 153), as mulheres processadas por se envolverem diretamente nas atividades consideradas subversivas, ou seja, na esquerda armada, eram jovens intelectualizadas que adentraram os grupos revolucionários a partir das universidades. Essas compunham a minoria do total de mulheres presas e exiladas durante a ditadura. Segundo o autor, a maioria dos processos contra mulheres eram por estas terem alguma relação próxima com homens suspeitos de estarem envolvidos na guerrilha, como mães, irmãs ou esposas. A maioria das denunciadas de esquerda possuíam formação superior, sendo aproximadamente

30% estudantes, 23% professoras e 18% outras profissionais com diploma de ensino superior. No total, 73% das mulheres poderiam ser classificadas como de camadas médias intelectualizadas, enquanto que 51,6% dos processados de ambos os sexos poderiam ser considerados dessas classes sociais. Ainda é preciso destacar que dentro dessa camada intelectualizada havia diferenças, a “classe média alta” era privilegiada em termos de oportunidades culturais, enquanto a “classe média baixa” ou pequena-burguesia baixa não tinha grande poder aquisitivo, tendo de trabalhar para manter os estudos.

As pautas feministas alcançaram o Brasil na década de 1970 vindo junto das brasileiras exiladas na Europa e nos Estados Unidos que retornaram ao país nesse período. As ideias de libertação feminina, em suas diversas variantes, se interligaram ao contexto pelo qual a sociedade brasileira vivia, o da abertura “lenta, gradual e segura” do regime autoritário. Segundo Joana Maria Pedro (2010, p. 124-126), o feminismo que surgiu no Brasil esteve diretamente envolvido com os grupos de esquerda, pois, em sua maioria, as mulheres que se identificavam com essas ideias participavam de grupos de resistência, eram simpatizantes ou tinham familiares envolvidos na luta contra o regime autoritário. Ainda é importante destacar que nem todas as mulheres brasileiras que estavam no exterior nesse momento estavam exiladas, muitas foram para os países do hemisfério norte objetivando estudar ou viajar. Isso significa que possuíam estabilidade financeira, sendo muitas vezes de famílias abastadas. Como foi o caso da colaboradora de *Versus*, Rachel Moreno, que se exilou na França e retornou ao Brasil, participando deste periódico alternativo e, concomitantemente, fundando um dos primeiros jornais feministas brasileiros, o *Nós, Mulheres* – com o apoio, inclusive, do idealizador e editor de *Versus*, Marcos Faerman. Em depoimento, a mesma descreve os anos de 1970 como:

Tempos em que surgia uma nova onda de feminismo, ainda tateante, querendo ‘politizar o cotidiano’, e que não era lá muito bem-visto pela direita (que achava que ‘feminismo é coisa de mulher mal-amada’), enquanto também sofria restrições por parte da esquerda, que temia uma divisão de forças com o fato de trazeremos ao primeiro plano coisas que caberia discutir... só depois da revolução. Havia ainda os que, mesmo de esquerda, faziam humor com o nosso movimento e suas demandas – como o famoso chiste do Millor Fernandes, do saudoso Pasquim, (‘o melhor movimento das mulheres é o movimento dos quadris’). (MORENO, 2016)

Moreno destaca que as ideias feministas não eram bem aceitas pela direita e, também, por parte da esquerda por serem percebidas como fator desagregador das forças de resistência ao regime autoritário. Angela Davis (2016, p. 2) destaca como essa ideia é característica da

esquerda ortodoxa, que percebe as discussões de especificidades tais como raça e gênero como menos importante que a discussão de classe. Tanto a raça quanto o gênero eram questões, a partir do ponto de vista dessas esquerdas, que deveriam ser discutidas em um momento após a revolução, após a concretização do socialismo, ou, até mesmo, a própria configuração dessa nova sociedade socialista extinguiria o racismo e o machismo de maneira “natural”. Neusa Maria Pereira, em entrevista realizada em 2016 ao Memorial de Resistência de São Paulo, declara que no processo de pesquisa para a construção da seção Afro-Latino-América de *Versus*, a mesma teve a oportunidade de conhecer a experiência de vida de pessoas negras cubanas e percebeu como o socialismo não havia extinguido as desigualdades raciais.

Os negros lutaram pra contra aquele Fulgêncio, né? Que era, foi, antes de Fidel Castro e participaram da luta armada e na hora de fazer a fatia do poder eles não receberam poder algum, continuavam sendo discriminado e o pior sem poder reclamar, sem poder denunciar, sem liberdade de expressão. (PEREIRA, 2016, p. 20)

Em 1975, a Organização das Nações Unidas decretou que aquele seria o Ano Internacional da Mulher, o que oportunizou em vários países a realização de encontros e discussões de ideias feministas. No Brasil, o decreto da ONU se alinhou ao processo de reabertura democrática e a volta de mulheres que tiveram contato com o feminismo no exterior, possibilitando a criação de vários núcleos de discussão e algumas organizações, como o Movimento Feminino pela Anistia em 1975 – que não se considerava um movimento feminista, mas que foi a porta de entrada para algumas mulheres se identificarem como tal. (PEDRO, 2010, p. 126) Além disso, muitas mulheres passaram a se identificar com essa luta específica a partir do contato com os movimentos contraculturais da década de 1960, que difundiram novas experiências afetivas, a crítica das estruturas familiares tradicionais e, conseqüentemente, da sociedade em que viviam. De acordo com, muitas mulheres passaram a se considerarem feministas a partir da percepção das especificidades de ser mulher dentro do contexto da ditadura e do contato com presos e presas políticas e das lutas contra o regime.

Dessa forma, a publicação da primeira edição de *Versus* no ano de 1975 coincidiu com o início das novas movimentações feministas no Brasil. Entretanto, como mencionado anteriormente, o espaço dedicado a essas discussões – da situação das mulheres e seus problemas dentro de uma sociedade patriarcal – não era relevante. Somente três publicações que focavam exclusivamente nestas problemáticas apareceram no jornal ao longo de dezesseis edições e dois anos de publicações, de 1975 à 1977. Isso pode estar relacionado à vários fatores, um deles sendo a pouca presença de mulheres envolvidas com o jornal e nas funções de editoria

do mesmo (ver Tabela 1). Isto é, a ausência de mulheres nas grandes decisões editoriais pode ter influenciado diretamente no pouco espaço dedicado à questões sobre mulheres. É preciso levar em conta, também, que nem todas as mulheres envolvidas na edição do periódico, por estarem inseridas nesse momento histórico de início de tais discussões no país, se identificavam como feministas ou tinham interesse em abordar essas pautas no jornal.²⁷

Tabela 1 – Divisão por gênero das funções de editoria da 1ª à 16ª edição do jornal *Versus*

	Mulheres	Homens
Editores	3	14
Editores assistentes	2	10
Conselho de redação ²⁸	2	12

No total, somente três mulheres, no decorrer de dois anos, entre 1975 e 1977, fizeram parte do periódico como editoras, com completo poder de decisão sobre as publicações, as quais foram Vilma Grycinski, Ana Dora e Maria da Paz Rodrigues. Nenhuma delas chegou a permanecer nesta função por mais de 3 edições seguidas. O Conselho de Redação, formado a partir da edição nº 15, teve somente duas mulheres, Raquel Moreno e Renata Villas Boas, em sua composição, que contava com um total de 14 membros.

Entre os anos de 1975 e 1977, em que foram publicadas as 16 edições do jornal, compuseram o mesmo aproximadamente 53 mulheres em conjunto com um número muito maior de homens que o integraram nesse mesmo período. Dentre elas, somente três participaram continuamente em mais de dez publicações: a psicanalista Marilsa Taffarel Faerman, naquele período casada com Marcos Faerman, a jornalista e cientista social Mariza Corrêa e a já mencionada jornalista, atriz e tradutora Cecília Thompson. Nenhuma delas chegou a ocupar função de editoria das publicações, entretanto, sua participação contínua é também relevante para a análise. Elas participaram de maneiras diferentes dentro do periódico. Marilsa T. Faerman esteve envolvida principalmente em entrevistas, participando como entrevistadora de intelectuais como o teórico Michael Foucault, o psiquiatra e dramaturgo argentino Eduardo Pavlovsky e o historiador José Murilo de Carvalho. Mariza Corrêa, por outro lado, apesar de

²⁷ Como será visto no próximo capítulo, pelo menos três mulheres envolvidas com o periódico se identificavam com o feminismo, sendo elas Raquel Moreno, Mariza Corrêa e Maria da Conceição Cahú. A última, ilustradora, colaborou em 4 edições de *Versus*. A segunda assinou como colaboradora em todas as 16 edições analisadas. Moreno participou nas quatro edições iniciais, saiu e retornou a partir da 15ª edição.

²⁸ O Conselho de Redação surgiu somente a partir da 15ª edição, como resultado da intervenção do grupo trotskista Liga Operária. Buscava democratizar as decisões editoriais do jornal. (KUCINSKI, 2001, p. 135)

ter seu nome na lista dos membros do jornal desde a primeira até a 16ª edição, não apareceu como autora ou coautora de nenhum texto, ensaio ou artigo publicado nestas edições. É possível inferir que Corrêa participava nos bastidores da produção do periódico. A mesma ainda integrou como jornalista responsável o jornal feminista *Nós, Mulheres*, que dividia o ambiente da redação com *Versus*, idealizado por Rachel Moreno. Por fim, Cecília Thompson participava exclusivamente como tradutora, tendo traduzido textos do inglês e espanhol de autores como Bruno Bettelheim, Augusto Céspedes, Júlio Cortazar e Gabriel García Marquez.

É importante destacar que muitas dessas mulheres envolvidas com o periódico eram brancas que haviam frequentado o ensino superior.²⁹ Discussões relativas à experiência das mulheres negras na sociedade brasileira foram abordadas em *Versus* pela primeira vez na edição número 11, num pequeno texto-protesto de autoria de Neusa Maria Pereira intitulado *Pela Mulher Negra*. Na edição seguinte, inaugurou-se a seção Afro-Latino-América, passando a ser um espaço dentro do periódico para refletir sobre a cultura e história da população negra brasileira. Pereira, militante do movimento negro, e a jornalista Tânia Regina Pinto participaram da coordenação da mesma seção, entretanto, discussões sobre as experiências interseccionais de gênero e raça não apareceram mais, pelo menos até a 16ª edição analisada neste trabalho.

Figura 2: Fotografia de Neusa Maria Pereira apontando para a página inicial da seção ALA da edição nº 14 de *Versus*.



Fonte: <http://artememoria.org/article/neusa-maria-pereira/>

Mulheres e homens negros estavam presentes dentro das discussões teóricas, filosóficas e culturais que perpassavam os movimentos de oposição à ditadura, como os movimentos

²⁹ De um total de 53 mulheres, só tive acesso à informações sobre 26 mulheres através de dados do LinkedIn, Lattes e Wikipédia. Dentre essas, 21 eram formadas e 5 estudantes. Dentre as formadas, 15 eram brancas, 1 negra e 5 não-identificadas. Dentre as estudantes 2 eram brancas, 1 negra e 2 não-identificadas.

feministas dos anos de 1970 ou as organizações clandestinas de esquerda do final dos anos de 1960. Entretanto, as pautas identitárias de raça só passaram a ganhar maior destaque no Brasil na década de 70, inspirados pelos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos e pelas discussões acadêmicas realizadas por mulheres negras norte-americanas. No Brasil, o movimento negro ressurgiu nos primeiros anos de 1970 pautado por uma luta pela redemocratização, pela extinção de desigualdades sociais e pela busca da cidadania, ou seja, buscava uma militância que, ao mesmo tempo, se opusesse ao regime autoritário e buscasse resolver e discutir as pautas específicas do ser negro, com destaque para a desconstrução da ideia de democracia racial. (RODRIGUES, 2013)

As discussões teóricas realizadas dentro dos movimentos específicos de mulheres e de negros tinham, em seu início, o propósito de discutir de forma restrita ou o gênero ou a raça. Dessa maneira, as mulheres negras e suas problemáticas ficavam implícitas dentro de discussões maiores, o que acarretou em conflitos e rupturas dentro das organizações feministas e negras ao longo da década de 1970 e até 1980. As mulheres negras intelectualizadas – formadas no ensino superior e com acesso à cultura nacional e internacional – passaram a produzir teoricamente nas universidades tomando a raça, além do gênero e classe, como categoria analítica a partir da década de 1980, com destaque para os trabalhos de Lélia Gonzalez. Entretanto, isso não significa que as discussões teóricas acerca da situação das mulheres negras ou de mulheres racializadas no contexto brasileiro não ocorresse antes, o que passou a ser diferente na década de 1980 foi a utilização da raça como categoria de análise. (RODRIGUES, 2013, p. 2)

Segundo Wolff (2010, p. 146), o acesso das mulheres à militância foi, em sua maioria, realizado dentro dos movimentos estudantis, a partir das universidades. As décadas de 1960 e 1970 na América Latina foram, de forma geral, marcadas pela expansão das universidades e pela abertura desses espaços para as mulheres. Cursos como Ciências Sociais, História, Filosofia, Letras e Psicologia eram socialmente aceitos como viáveis às mulheres e, ao mesmo tempo, possibilitavam o surgimento de discussões políticas dentro de suas grades curriculares, acarretando muitas vezes na transformação dos mesmos em focos de recrutamento dos movimentos estudantis. A Faculdade Cásper Líbero (FCL), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) são três instituições de ensino superior pelas quais muitos membros envolvidos com o jornal *Versus* passaram seus anos de estudo.

A FCL, localizada em São Paulo, foi onde Neusa Maria Pereira, Tania Regina de Pinto e Cecília Thompson se formaram. As duas primeiras estudaram em períodos muito próximos, na década de 1970, no curso de jornalismo, o qual Thompson também cursou, mas alguns anos antes, na década de 1950. Posteriormente, em 1967, Thompson ingressou no curso de Filosofia na Universidade de São Paulo, mas não há informações sobre se a mesma chegou a concluir os estudos. A UFRGS, por outro lado, foi o palco da reunião dos fundadores do jornal, como Marcos Faerman, Marilsa Taffarel Faerman e Mariza Corrêa, os quais realizaram suas formações na década de 1960. Mariza Corrêa e Mauro Almeida, dando apenas alguns exemplos, eram alunos de pós-graduação na UNICAMP durante os anos de 1970, passando a ser docentes da mesma instituição antes do final da década em questão. Dessa maneira, é importante perceber como muitos membros do jornal, em sua grande maioria, eram graduados em grandes faculdades do país, onde tinham acesso à discussões e à leituras progressistas. Entretanto, no caso de Neusa Maria Pereira (2015, p. 2), sua intelectualidade se desenvolveu concretamente em *Versus* e não enquanto cursava o ensino superior: “quase dois anos de Afro-Latino-América foram mais proveitosos para minha formação intelectual do que os quatro de Jornalismo na faculdade”.

3 GÊNERO, RAÇA, CLASSE E INTELLECTUAIS

Neusa Maria Pereira, integrante de *Versus* a partir de sua 11ª edição³⁰, relatou algumas percepções sobre *Versus* em uma entrevista realizada em 2016 ao Memorial de Resistência de São Paulo. De acordo com Pereira, que escolheu o jornal para ser o veículo de publicação de um pequeno texto-protesto de sua autoria sobre a experiência de ser uma mulher negra no Brasil, encontrou na redação do mesmo, no bairro Pinheiros da capital paulista, um ambiente majoritariamente masculino e intelectualizado.

[...] um dia eu peguei escrevi, tava muito chateada que tava demorando para mim arrumar trabalho tudo e eu queria escrever, não queria mais ficar só em revisão e eu escrevi esse texto de mulher negra e levei lá pra eles aquele bando... Só tinha homem! Homem, gaúcho... [...] Eu falei: “Meu Deus! Isso aí não vai pra frente, não vai dá certo”. Porque é um jornal de esquerda com os melhores jornalistas do país, os mais intelectualizados [...] No qual eu não via nenhuma mulher quase nem... Poucas mulheres escrevia lá [...]³¹

Em outro texto, publicado em forma de depoimento curto, Pereira ressalta novamente essa característica, definindo a redação de *Versus* como um “universo masculino, intelectual, acentuadamente distante da minha formação”.³² As impressões que Pereira teve do ambiente do periódico são muito relevantes para uma compreensão geral da constituição do grupo envolvido com a publicação. Assim como Pereira, outras mulheres que se envolveram com *Versus* ao longo dos dois anos de edições aqui analisadas também publicaram suas percepções sobre suas participações no periódico e as relações de sociabilidade que as mesmas construíram a partir do mesmo. São essas Rachel Moreno e Mariza Corrêa, ambas tiveram seus nomes na lista de colaboradores da primeira edição do jornal em 1975 e a última apareceu na mesma lista de forma consecutiva até a edição nº 16. Essas três mulheres estavam, concomitantemente à sua participação no periódico, envolvidas com outros projetos, como a criação do Movimento Negro Unificado; no caso de Pereira; a elaboração do periódico feminista *Nós, Mulheres*, por Moreno; e a defesa de dissertação na UNICAMP, no caso de Corrêa, onde começou a trabalhar como docente do curso de graduação em Ciências Sociais no ano seguinte.³³

³⁰ Seu texto intitulado “Pela Mulher Negra” foi publicado na 11ª edição, quando a mesma passou a frequentar a redação do jornal, porém seu nome na lista de colaboradores só passou a aparecer na edição seguinte, com a criação da seção Afro-Latino-América.

³¹ PEREIRA, 2016, p. 17-18

³² PEREIRA, 2015, p. 1

³³ CORRÊA, 2001

As memórias destas mulheres – subjetivas e, por isso, tão relevantes para uma compreensão mais abrangente do cenário e relações dentro e fora de *Versus* – serão analisadas a partir do entendimento de que estas permitem analisar questões de gênero, raça, classe e intelectualidade que não seriam possíveis se fossem utilizados como fonte somente os exemplares do jornal. O uso da memória neste trabalho, permitiu que o cotidiano da redação e as características particulares daquele ambiente intelectual de produção e amplificação cultural fossem destacadas, percebendo-se as relações de poder e redes de sociabilidade estabelecidas a partir de seus indivíduos e grupos envolvidos com sua elaboração. Além disso, como foi ressaltado até então, *Versus* não se destacava como um ambiente de grande presença de mulheres, tendo publicado em 16 edições somente 3 textos com foco em questões particulares das vivências de mulheres da América Latina. (TEDESCHI, p. 14-15)

Dessa maneira, a análise das memórias de Neusa Maria Pereira, Rachel Moreno e Mariza Corrêa abre espaço para que as vozes e ideias destas mulheres que não aparecem nas publicações do periódico sejam ouvidas e compreendidas em suas especificidades. Em conjunto a isso, e de forma a realizar comparações entre as experiências pessoais e o conteúdo que era publicado no jornal acerca das vivências específicas das mulheres na sociedade ocidental, também foi abordada as relações que se desenvolviam dentro do periódico no que diz respeito às temáticas, autoras e textos reproduzidos.

3.1 Memórias

No ano de 1975, com a organização e publicação do primeiro número do periódico lançado em São Paulo, constavam na lista de membros envolvidos com essa edição oito mulheres, dentre estas estavam os nomes de Rachel Moreno e Mariza Corrêa. A primeira fazia naquele momento parte da Associação de Mulheres, organização sem fins lucrativos que desenvolvia atividades com mulheres da periferia e donas de casa, além de participar, organizar e cobrir manifestações, encontros e congressos com o objetivo de difusão de ideias feministas. Isso aponta que Rachel Moreno, naquele momento já psicóloga formada pela Universidade de São Paulo, se identificava com as causas do movimento feminista que passava a se organizar de forma concreta no país. (VASCONCELOS; ALIENDE, p. 11)

Mariza Corrêa, graduada em Jornalismo pela UFRGS em 1969, onde tornou-se amiga de Marcos Faerman, editor-chefe de *Versus*, no mesmo período havia acabado de defender sua dissertação de mestrado na UNICAMP intitulada “*Os Atos e os Autos*”: *Representações jurídicas de papéis sexuais*, na qual a mesma analisava questões relativas à crimes passionais

com bases teóricas na Antropologia Social. Isso também revela um interesse solidificado em discussões que levassem em conta as relações sociais constituídas entre indivíduos femininos e masculinos.³⁴ Ademais, Corrêa cita a frase de Simone de Beauvoir, filósofa existencialista francesa, na abertura da mencionada dissertação: “*on ne nait pas femme, on le devient*”³⁵, indicando mais uma vez sua aproximação com as ideias do movimento feminista que havia se desenvolvido na Europa e se concretizava no Brasil.

Nesse mesmo ano, Moreno estava formulando a ideia de montar um grupo editorial para a publicação do primeiro jornal autointitulado feminista do Brasil, denominado *Nós, Mulheres*, que teve sua primeira edição lançada em junho de 1976. O corpo editorial era composto por uma maioria de estudantes – de psicologia, comunicações e história –, sociólogas e uma jornalista profissional. Dentre elas, estavam “filhas de famílias ricas, as casadas de classe média e algumas profissionais da pequena burguesia” que eram oriundas de organizações de esquerda como o PCB, a Vanguarda Popular Revolucionária e a Vanguarda Revolucionária Palmares. A maior parte dos artigos discutia sobre política e condições de vida e não havia um hábito de publicar reflexões sobre as relações afetivas e sexualidade. Nesse sentido, o periódico se aproximava de outras publicações voltadas à mulher, como o *Brasil Mulher*. (TAMIÃO, 2009, p. 33-34)

O surgimento destes dois veículos da imprensa voltados às mulheres se deu no contexto de desenvolvimento da segunda onda do movimento feminista brasileiro, com uma proposta de defesa da emancipação feminina e da anistia política. *Brasil Mulher* foi o primeiro jornal lançado nesse contexto, fundado em 1975 em Londrina e transferido para São Paulo a partir de sua segunda edição, onde circulou até 1979. O mesmo se firmou junto à oposição por se propor, principalmente, a defender a anistia dos presos e perseguidos políticos. Este jornal e o *Nós, Mulheres* convergiam nas pautas e no público-alvo, entretanto os bastidores de ambos demonstram suas diferenças. (ALIENDE; VASCONCELOS, 2010, p. 4) O primeiro reunia a esquerda que havia permanecido no Brasil, recém saídas das prisões, enquanto o segundo era vinculado às exiladas que retornaram ao país antes da Anistia. As divergências, dessa forma, partiam das vivências das integrantes de cada periódico. Rachel Moreno achou necessário a criação de um jornal que se auto intitulasse feminista justamente pela declaração no editorial

³⁴ Ibidem, p. 15-16

³⁵ “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A relação entre a filósofa francesa Simone de Beauvoir e o movimento feminista será explicada mais a fundo no subtópico seguinte.

de inauguração do *Brasil Mulher* no qual este dizia não ser um jornal feminista, apresentando-se como um periódico pela equidade. (KUBÍK, 2014, p. 260)

A redação do *Nós, Mulheres* se localizava no mesmo edifício de *Versus*, espaço cedido por Faerman para Moreno quando a mesma lhe relatou a ideia de montar um jornal alternativo com uma proposta feminista. Moreno descreve Faerman, em seu depoimento, como mais “corajoso, arejado e ousado” que seus outros companheiros de luta, atribuindo ao mesmo um “pedaço de paternidade” na criação do jornal feminista.

Mas, em tempos de “produção independente”, também havia alguns poucos companheiros a quem devemos reconhecer um pedaço de paternidade de algumas de nossas obras. Eram os companheiros, do mesmo lado da luta, mais corajoso e arejados, que ousavam mais, como era o caso do Marcos Faerman.³⁶

Naquele ambiente compartilhado da redação dos jornais, Rachel Moreno relata como surgiu a composição final do grupo editorial da primeira edição de *Nós, Mulheres*, além de comentar sobre as relações de sociabilidade que se estabeleceram com outros movimentos, como o MNU.

Quando compartilhei as novidades com o Marcos Faerman, de quem me tornei uma quase-colaboradora (fui até Belém entrevistar os índios Parakategê, com quem convivi um mês, fazendo uma matéria que, por pouco, terminou não sendo publicada pelo *Versus*), ele não teve dúvida e me convidou a trazer a redação para o porão de *Versus*. [...] E dividimos o porão com o nascente MNU – o Movimento Negro Unificado, de quem ganhamos ainda algumas colaboradoras. O Marcão também me apresentou a Mariza Corrêa, jornalista gaúcha e amiga dele, que se interessou pelo nosso projeto, entrando como a “jornalista responsável” que nos faltava. Conceição Cahu ilustrou o primeiro número e mais alguns.” (MORENO, 2015, p. 2)

É possível perceber como a confluência de grupos dentro daquele mesmo espaço incorreu numa relação positiva de trocas entre seus membros. Moreno relata como se tornou “quase-colaboradora” de Faerman – interessante notar como ela não cita o nome do jornal, apenas do editor-responsável, como se Faerman representasse a totalidade de *Versus* –, o que acabou não ocorrendo por “pouco”. É possível que isso também tenha ocorrido com outras colaboradoras do jornal, que não têm matérias assinadas com seu nome, mas que faziam-se presentes nos trabalhos de campo. Ela menciona também como Mariza Corrêa, amiga de Faerman, foi apresentada à ela e tomou o papel necessário de jornalista responsável da

³⁶ MORENO, 2015, p. 1

publicação feminista. Além disso, Maria da Conceição Cahu, que ilustrou o primeiro número do jornal feminista também participou de *Versus*, da edição nº 2 à nº 4.

Figura 3: Fotografia do corpo de redação do jornal *Nós, Mulheres*.



Fonte: MORENO, Rachel. Marcos Faerman e o Nós Mulheres, 2016.

Moreno menciona também como houve uma relação entre as feministas do *Nós, Mulheres* e o nascente MNU, do qual ganharam algumas colaboradoras, entretanto, no mesmo depoimento Moreno destaca que acabou saindo do jornal feminista depois da 3ª edição, que foi lançada no final de 1976, por conta de contradições entre as integrantes. Os membros do MNU, porém, só começaram a frequentar a redação de *Versus* em junho de 1977, com a entrada de Neusa Maria Pereira. Dessa maneira, é possível que a mesma estivesse comentando sobre o período que já não fazia parte da redação de *Nós, Mulheres*, mas que ainda frequentava o edifício da redação como colaboradora de *Versus*.

Neusa Maria Pereira, assim como Rachel Moreno, também admirava o editor-chefe de *Versus*, descrevendo-o em sua entrevista como uma figura “visionária”, por pensar na ausência de vozes e experiências negras na imprensa alternativa sem que houvesse uma reivindicação organizada para isso – o que demonstra novamente a percepção dos intelectuais inspirados pelas ideias foucaultianas de abrir espaço para que os silenciados pudessem falar por si. (DELEUZE; FOUCAULT, 1979) De acordo com Pereira, seu texto-protesto foi publicado na 11ª edição de *Versus* por uma coincidência, não atribuindo a si mesma, a sua habilidade de escrita, o fato de ter conseguido que fosse publicado. Segundo ela, no mesmo momento que Faerman estava debatendo a ideia de que os negros deveriam ter um espaço nos jornais de esquerda para discutirem suas próprias questões, Pereira apareceu no prédio da redação procurando um jornal para publicar seu texto que discutia sobre a situação das mulheres negras brasileiras.

[...] o Marcão, o Marcos Faerman, ele já tinha, porque ele era um visionário, ele já tinha dado conta de que é... Ele estava à frente dos outros jornais de esquerda que circulavam na época ele... E ele já tinha falado lá dentro do Jornal da Tarde com um amigo que eu tinha lá, Oswaldo Camargo, que era preciso dar voz aos negros, que os negros estavam precisando escrever nos jornais de esquerda, mostrar o que eles estavam pensando do seu próprio país e por uma coincidência eu levei o meu texto lá quando ele já tava pensando nisso [...]³⁷

O descrédito em si mesma no que tange a sua habilidade de escrita pode estar relacionado a suas experiências de vida enquanto mulher negra de classe baixa. Pereira nessa mesma entrevista fala sobre sua trajetória até chegar na redação de *Versus* em 1975. A mesma havia nascido em São Paulo capital no ano de 1955 e crescido na Zona Norte, periferia da cidade. Estudou seus primeiros anos escolares no Colégio Estadual Doutor Otávio Mendes, ambiente onde ressaltou ter tido seu primeiro contato com ideias socialistas. Mais tarde, na adolescência, estudou com bolsa no Mackenzie, onde experenciou isolamento naquele ambiente, classificado por ela como um reduto da alta burguesia branca paulistana, sofrendo inclusive situações de racismo.³⁸

Pereira se formou em jornalismo pela Faculdade Cásper Libero no ano de 1974 e estagiou durante sua graduação no jornal *Folha de São Paulo* e na Editora Abril, mais tarde empregou-se no *Diário Popular*, onde foi submetida à experiências traumáticas de discriminação. A mesma fazia parte da revisão do jornal, segundo ela, posto onde os jornalistas negros eram colocados, pois a imprensa brasileira não queria negros em seus jornais, principalmente nas páginas opinativas. Dessa forma, os jornais os colocavam dentro da revisão, sem visibilidade e sem a possibilidade de produção própria alguma, passando suas jornadas de trabalho corrigindo produções alheias. No momento em que levou seu texto à *Versus*, Pereira estava desempregada, situação em que se encontrava após sua gravidez.³⁹ Acostumada a trabalhar como revisora e com poucos textos publicados, os quais acabavam sendo veiculados sem assinatura ou com a assinatura do editor, é possível inferir que a mesma não estava

³⁷ PEREIRA, 2016, p. 18

³⁸ *Ibidem*, p. 5-6

³⁹ Pereira (*Ibidem*, p. 15) declara que o fato de estar desempregada estava diretamente relacionado ao fato de ser mulher, de ter engravidado, dizendo que o seu questionamento sobre sua situação de desemprego ser consequência também do racismo só começou a aparecer mais tarde, quando não encontrava emprego há um tempo. Segundo ela, as mulheres jornalistas não podiam ficar grávidas, não podiam menstruar, não podiam fazer nada, levando a um cerceamento para as mulheres entrarem nas redações, pois as mesmas, segundo os empregadores, iriam engravidar, não poderiam viajar para cobrir matérias e não viriam para o trabalho quando estivessem menstruadas.

habituada a ter seus trabalhos prestigiados, conferindo à somente “coincidência” a aprovação de seu texto pelos editores de *Versus*.⁴⁰

Neusa Pereira define a si mesma, na entrevista de 2016, como uma intelectual que tinha a carga cultural necessária, mas que também estava junto do seu povo, na periferia, participando de associações de negros e presente nas lutas de rua. Defende que um intelectual não deveria ser somente um acadêmico, mas que precisaria ter contato com o povo. O caminho traçado por Pereira entre sua entrada em *Versus* quando a mesma não confiava em suas próprias habilidades de escrita e sua identificação como intelectual foi longo e teve o jornal alternativo como personagem principal. De acordo com ela, foi neste periódico e, principalmente, com a criação da Seção Afro-Latino-América que a mesma passou a construir sua intelectualidade e expandir seu conhecimento sobre o mundo. Leu, a partir de indicações de leituras e empréstimos de livros dos outros membros de *Versus*, obras de autores como Frantz Fanon, Angela Davis⁴¹, Samora Michel e Malcolm X, ou seja, relevantes à luta antirracista mundial. Menciona também que teve contato com textos de Michel Foucault, Eduardo Galeano, Plínio Marcos e filmes de Glauber Rocha.⁴²

Figura 4: Fotografia de Neusa Maria Pereira discursando nos degraus do Teatro Municipal de São Paulo durante um ato do MNU, em 1978.



Foto de Rosa Gauditano. Disponível em: <http://artememoria.org/article/neusa-maria-pereira/>

Pereira declara que a partir do momento que passou a fazer parte de *Versus* e participar ativamente do ambiente cultural e intelectual propiciado pelas discussões, leituras e contatos sociais na redação, a mesma passou a ser uma “negra de elite”, assim como seus colegas negros que compunham a seção ALA do jornal. A condição que define como ser de “elite” estava

⁴⁰ Ibidem, p. 11-15

⁴¹ Pereira (Ibidem, p. 7) declarou que já havia tido contato com alguns escritos de Angela Davis antes de entrar em *Versus*, por ter sido esta secretária do filósofo Herbert Marcuse, escritor do livro *Eros e Civilização*, lido por Pereira quando a mesma tinha 18 anos.

⁴² Ibidem, p. 19

diretamente ligada aos locais que frequentava como a Vila Madalena e o Bar Redondo, redutos da esquerda paulistana, de acordo com a mesma. Lélia Gonzalez, sua colega do MNU, ao conhecer Pereira a chamou de “a negra mais burguesa” que conhecia, pois apesar da jornalista ser da periferia, seu trabalho e lazer aconteciam na Vila Madalena, onde entrava em contato com a esquerda “branca, de classe média alta e elitista”, que tinham o gosto burguês, que explica Pereira ser o gosto por vinhos, queijos, livros, lugares bons e balé.⁴³

Os anos que passou participando de *Versus* foram tão importante na vida de Neusa Maria Pereira que a mesma define sua vida com tendo um antes e depois do jornal. Isso se deve às relações que passou a estabelecer a partir daquele espaço, principalmente no que diz respeito a sua intelectualidade. Ao mesmo tempo, Pereira no início não se identificava com os frequentadores da redação, classificando-os como intelectuais de esquerda, a jornalista se sentia como um “peixe fora d’água”, dentre tantos homens brancos cultos. Apesar da sensação de não pertencimento inicial, Pereira passou a tomar espaço dentro do jornal, fazendo ouvir suas próprias especificidades.

[...] Porque antes era tudo homem que tava lá dentro do Versus, todos os homens e lutando pelo Socialismo. Aí quando eu cheguei, que foi uma mulher que era dife... Porque já tinha outras mulheres, a mulher do Licínio, por exemplo, escrevia lá no Versus. Só que não era uma mulher como eu que tinha todos os estigmas: negra, mulher, trabalhadora, vinda da periferia, sabe? Então era diferente. Então eu acho que com a minha presença lá eles tiveram que começar a pensar. [...] Eles me tratavam como igual, entendeu?⁴⁴

É interessante notar que Pereira se diferencia como mulher negra das outras mulheres que já ocupavam espaços dentro da redação, ela cita a “mulher do Licínio”, referindo-se a esposa de Licínio Azevedo, cineasta gaúcho que radicou-se em Moçambique em 1975 e que era colaborador de *Versus* desde sua segunda edição. Não é possível confirmar quem seria essa mulher, referenciada somente como companheira de Azevedo, mas infere-se que fosse Maria da Paz Rodrigues⁴⁵, outra colaboradora regular que escrevera junto de Azevedo alguns textos e um livro – todos relativos à questões sociais do continente africano –, sendo os primeiros publicados como artigos no jornal e o segundo publicado pela própria Editora Versus.⁴⁶

⁴³ Ibidem, p. 39

⁴⁴ Ibidem, p. 43

⁴⁵ Em outro momento da entrevista, Pereira também chama Licínio Azevedo de Licínio Rodrigues, sobrenome de Maria da Paz. (Ibidem, p. 19)

⁴⁶ O periódico lançou a partir de 1977 alguns livros e quadrinhos que eram vendidos em bancas. O primeiro conjunto de livros lançado fazia parte da Coleção Testemunhos e teve títulos como A Arte da Resistência de Paulo Pontes, o Diário da Libertação: A Guiné-Bissau da Nova África de Licínio de Azevedo e Maria da Paz Rodrigues

Além disso, como já mencionado, a redação era um ambiente no qual se formavam diferentes redes de sociabilidades. Lá estavam as integrantes da Associação de Mulheres, responsáveis pelo jornal *Nós, Mulheres*, assim como alguns membros do nascente Movimento Negro Unificado. Além disso, aquele espaço era palco de encontros entre intelectuais e figuras conhecidas da esquerda como o jornalista Eduardo Galeano, o músico Geraldo Vandré e o escritor Plínio Marcos. Pereira em sua entrevista deixa transparecer que não se percebia como parte do movimento feminista. Naquele momento de confluência de movimentos sociais no espaço de *Versus*, Pereira se separa destas, considerando que elas tinham sua organização, a qual ela não fazia parte. Apesar disso, Pereira levantava discussões sobre as vivências das mulheres negras dentro do MNU e em uma associação que participava naquele momento.⁴⁷

[...] Porque naquela época as mulheres conseguiram, as feministas já estavam também tendo a sua discussão. Elas ocuparam lá um período, elas ocuparam lá um espaço no *Versus*. Elas não tinha onde ficar e ficaram lá, o *Versus* cedeu um espaço lá pra elas, embora depois elas tivessem lá achando que os caras eram machistas, mas quem não era raci...machista, não? Até hoje são, mas elas ocuparam um espaço lá. [...].⁴⁸

Em depoimento (2015), Pereira ressalta essa separação de lutas, declarando que as pautas feministas naquele momento não faziam sentido para às vivências das mulheres negras trabalhadoras, não havendo espaço e tempo de reflexão para tomar consciência de que a opressão surgia de mais de uma origem, não somente da raça, mas também do gênero ou da classe. Dessa forma, é possível perceber também que Pereira realiza uma crítica a certos aspectos do movimento feminista, sendo este constituído no Brasil em seu princípio de uma maioria de mulheres brancas de classe média, muitas que haviam acabado de retornar ao país do exterior, principalmente dos Estados Unidos e da França, onde tiveram contato com ideias feministas. (PEDRO, 2010, p. 126)

Também não tinha qualquer ligação com o feminismo. Parecia-me que as portas demoravam a abrir para mim em função de minha cor, não pelo fato de ser mulher. Originárias das classes pobres, as negras sempre tiveram de trabalhar onde fossem aceitas. Não havia tempo de

e um livro de reportagens latino-americanas de Eduardo Galeano. Além de também anunciarem o lançamento de uma Coleção Operação História que teria a publicação de uma obra intitulada *A Guerra do Contestado* de Jean-Claude Bernardet. (VERSUS, 1977, ed. 8-11)

⁴⁷ Junto com sua participação em *Versus* e sua militância no MNU, Pereira frequentava uma associação no bairro Consolação, denominada CBB, onde se reuniam em torno de 10 mulheres negras trabalhadoras, em sua maioria empregadas no serviço público, para discutir principalmente questões relativas ao racismo no ambiente de trabalho, mas que também discutiam questões relativas ao machismo ocasionalmente, fazendo grupos de estudo de autoras como Angela Davis. (PEREIRA, 2016, p. 36) Neste grupo Pereira conheceu Tânia Regina Pinto, quem também passou a fazer parte da seção ALA de *Versus* a partir da 13ª edição.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 42

reconhecer ou diagnosticar com clareza a opressão masculina. Comer, morar, estudar, tornavam fundamental anestesiarem as dores produzidas pela intolerância de toda sorte disseminada no cotidiano.⁴⁹

Ao longo da entrevista (2016), Neusa M. Pereira oscila muitas vezes entre a compreensão de que as opressões sofridas em sua vida eram consequências da discriminação de raça ou de gênero. Ao ser demitida após seu período de gravidez, por exemplo, Pereira define que aquela situação se deu exclusivamente por ser mulher, não à atribui ao racismo. Entretanto, após ter mais dificuldades em arranjar emprego que suas ex-colegas brancas, que também haviam sido demitidas por engravidarem, a mesma tomou consciência de que experienciava também consequências do racismo da sociedade.⁵⁰ Lélia Gonzalez, companheira de luta de Pereira que também participou na construção do Movimento Negro Unificado na década de 1970, produziu academicamente escritos sobre as especificidades da luta da mulher negra latino-americana, que estava submetida a um conjunto de opressões que se atravessavam. Entretanto, Gonzalez (1988) destaca que a conscientização destas opressões se dava primeiramente, para as mulheres negras e indígenas, na questão racial. Isso pode explicar o porquê Pereira define que algumas situações que experienciou ao longo da vida lhe pareciam somente consequências do racismo ou do machismo em certos momentos, e em outros, eram os dois.

Gonzalez (1988) também discorre sobre os problemas dentro do movimento feminista que se formava no Brasil na década de 1970 quanto à exclusão das especificidades das mulheres racializadas, não deixando de valorizar a importância desse movimento que evidenciou as “bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres” ao centralizar suas análises no conceito do capitalismo patriarcal, além de terem demonstrado o caráter político do privado e proporem discussões sobre sexualidade, estimulando a conquista de espaços sociais pelos grupos ativistas dos direitos homossexuais. Segundo Gonzalez, apesar das feministas terem aberto caminho para que se realizassem discussões sobre a discriminação da orientação sexual, o mesmo não havia ocorrido com a discriminação de raça. Muitas mulheres negras se sentiam mais confortáveis em discutir questões de gênero dentro do MNU do que discutirem questões de raça dentro das organizações feministas, por estas as classificarem, muitas vezes, como antifeministas ou até

⁴⁹ PEREIRA, 2015, p. 1

⁵⁰ Em outro momento, Pereira (2016, p. 16) também declara que era percebida pelos jornais de esquerda (com exceção de *Versus*) primeiro como mulher e depois como negra, não conseguindo emprego em consequência disso. O discurso da maioria dos jornais de esquerda era, segundo Pereira, assim: “Mas é como uma mulher negra, mulher ainda, primeiro mulher, depois negra, vai dá conta de escrever nossos textos, de Gramsci, de... dá conta de, de Trotsky, de, de... Não vai dá conta.”

mesmo “racistas às avessas” ao colocarem suas pautas específicas em destaque. (GONZALEZ, 1988, p. 19)

O início da segunda onda do feminismo no Brasil foi caracterizado pela ideia de universalismo, de uma universalidade em torno da questão da “mulher”. O discurso predominante era que todas eram iguais, não havia diferenciação de experiências de vida e, portanto, os encontros realizados por essas feministas com o objetivo de discutir a mulher na sociedade brasileira não abordavam todas as singularidades das diversas especificidades de classe, raça ou até mesmo orientação sexual. Ao colocar todas as mulheres como um sujeito único acabavam silenciando as diferenças dentro do próprio grupo e as desigualdades que eram sentidas de maneiras distintas pelos indivíduos. Muitas mulheres negras, como Lélia Gonzalez e até mesmo Neusa Maria Pereira percebiam que a pauta unificadora destas feministas, uma agenda única, não daria conta das questões específicas das mulheres atravessadas por mais de uma categorização social além do gênero. (FERREIRA; SILVA, 2019, p. 139)

Mariza Corrêa (2001) escreveu sobre essas dificuldades presentes dentro do movimento feminista em seus anos de consolidação. Ao mesmo tempo, destacou que a luta contra o racismo era um dos pontos da agenda política do feminismo dos anos de 1970, citando como exemplo a presença de um depoimento uma mulher negra no primeiro número de *Nós, Mulheres* e a participação de Gonzalez no conselho da revista *Mulherio*.⁵¹

É claro que em relação à questão racial havia uma cegueira estrutural na sociedade brasileira, e a relação “raça e gênero” só começa a se tornar teoricamente relevante a partir da leitura dos textos de autoras norte-americanas, elas sim questionadas pelo feminismo das mulheres negras.⁵²

Assim como Corrêa, Gonzalez (1988, p. 14-19), determina que esse “esquecimento” das especificidades raciais dentro da categoria “mulher” estava relacionado ao mito da democracia racial, de que não existiria racismo no Brasil por ser um país miscigenado, acarretando no ocultamento das opressões sofridas pelas pessoas negras e, nesse caso em específico, pelas mulheres negras. Da mesma forma, não chega a declarar que a luta antirracista era uma das preocupações das feministas, mas declara que as relações entre as mulheres negras organizadas

⁵¹ *Mulherio* foi um jornal feminista publicado entre 1981 e 1987 com o apoio da Fundação Ford que teve grande sucesso no início, com uma média de 1000 assinantes em seu terceiro número. Entretanto, assim como a maioria dos periódicos alternativos, não conseguiu se manter por mais tempo. (CORRÊA, 2001, p. 18)

⁵² *Ibidem*, p. 26

dentro do MNU e aquelas não se constituíam somente de desencontros, destacando que “umas poucas” se aproximavam em um “efetivo intercâmbio, conseqüente no seu igualitarismo”.

A percepção de Mariza Corrêa sobre as relações que se estabeleciam entre os grupos feministas e as mulheres negras militantes antirracistas provavelmente está relacionado com suas experiências de vida e espaços onde circulava naquele momento. Corrêa, em 1975, estava no processo de entregar sua dissertação de mestrado que discutia questões de gênero – apesar de naquele momento não ser classificado como tal, pois o conceito de gênero só foi estabelecido academicamente a partir da década de 1980 (SCOTT, 1985, p. 75) – na UNICAMP. Em função de sua pesquisa, a mesma circulou por ambientes acadêmicos de São Paulo e do Rio de Janeiro, tendo contato com grupos de pesquisadoras feministas que tinham como campo de estudo as relações entre os indivíduos socialmente definidos como masculinos e femininos. De acordo com Corrêa, as feministas que conheceu nesses dois estados eram, em sua grande maioria, de esquerda, profissionais ou no caminho para se tornarem profissionais.⁵³

Segundo Corrêa, sua trajetória profissional, que classifica como semelhante à de outras mulheres de sua geração, foi terminar a Escola Normal e ser uma das poucas alunas da turma a entrarem na Universidade. cursou Jornalismo em Porto Alegre e trabalhou em jornais como o *Zero Hora* na capital gaúcha. Em 1967 foi selecionada para integrar a revista *Veja*, primeira revista semanal do país, o que a levou a se mudar para São Paulo. No início da década de 1970, com verba de uma fundação norte-americana para pesquisas sobre a situação das mulheres, Corrêa foi estudar nos Estados Unidos.⁵⁴ Em 1975, após defender sua dissertação já no Brasil, a mesma encontrava-se desempregada e soube pelo editor-responsável de *Versus*, Marcos Faerman, seu amigo jornalista que conheceu ainda no Rio Grande do Sul, que no mesmo local onde ele estava produzindo uma “revista cultural de resistência à ditadura, como se dizia na época, a revista *Versus*”, havia um grupo de mulheres se reunindo para produzir um jornal feminista, o *Nós, Mulheres*. A mesma passou a fazer parte deste jornal, entrando como a jornalista responsável pela publicação, por ser a única a ter registro profissional. Segundo ela, apesar de ter esse cargo oficialmente, o jornal era fruto de um trabalho coletivo, as matérias não eram assinadas e a publicação das edições era sempre precedida por uma discussão geral em que todas davam sua opinião sobre a forma final.⁵⁵

⁵³ Ibidem, p. 15

⁵⁴ Segundo Corrêa (Ibidem, p. 17), a maioria das mulheres que se tornaram feministas na geração da década de 1970 tinham passado um tempo no exterior, principalmente na França, mas também nos Estados Unidos.

⁵⁵ Idem

Dessa forma, é possível que Corrêa tenha passado a fazer parte do jornal *Versus* como consequência de seu interesse em participar do jornal *Nós, Mulheres*. Como já mencionado no capítulo anterior, a jornalista teve seu nome presente em todas as listas de colaboradores da 1ª até a 16ª edições analisadas, entretanto não assinou nenhuma matéria, como autora, tradutora ou até mesmo entrevistadora. Isso pode indicar que a mesma estava fazendo um trabalho mais organizacional no jornal, trabalhos de campo ou estava mais envolvida com a publicação feminista que dividia o mesmo espaço da redação. Além disso, a partir de 1976 Corrêa passou a atuar como docente na UNICAMP, o que provavelmente reduziu seu tempo para participar ativamente das edições de *Versus*.

Por sua posição acadêmica dentro da universidade, Corrêa teve acesso às discussões que se davam naquele espaço no que dizia respeito ao contexto de consolidação do movimento feminista e ao fato da maioria das pesquisadoras serem também militantes feministas. Em seu artigo (2001), ela discorre sobre como se davam essas relações conflitantes entre o ser pesquisadora e o ser militante, entre ser uma intelectual também envolvida com a luta:

O ponto é importante porque na visão maniqueísta que separa militantes e pesquisadoras naquele momento, perde-se de vista que nós, pesquisadoras, éramos também militantes e que, se nos desiludimos com algumas das crenças inscritas em nossas palavras de ordem, não foi porque nosso “compromisso maior era com o fazer ciência social” (HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil... Op.cit.), mas sim porque nosso compromisso maior era com a tentativa de compreender a sociedade brasileira, para mudá-la.⁵⁶

As percepções de Mariza Corrêa e Neusa Maria Pereira sobre intelectualidade são semelhantes, apesar de serem ambas de contextos diferentes. Enquanto a primeira é uma mulher branca gaúcha de classe média que teve oportunidade de estudar no exterior e teve contato próximo com as ideias feministas norte-americanas, a segunda é uma mulher negra paulista de classe desprivilegiada que se graduou, mas não seguiu carreira acadêmica e entrou em contato com discussões intelectuais mais aprofundadas a partir do momento em que passou a integrar o jornal *Versus*. Apesar de suas experiências de vida serem diferentes, o contato que tiveram com debates, leituras e sociabilidades da esquerda alternativa as direcionaram a um mesmo entendimento sobre o papel dos intelectuais. Tanto Corrêa quanto Pereira acreditavam, no momento em que deram seus depoimentos, 2001 e 2016 respectivamente, que a luta, o ativismo,

⁵⁶ CORRÊA, 2001, p. 25

era uma parte essencial do ser intelectual, não bastando somente circular em ambientes acadêmicos ou manter seus conhecimentos dentro dos mesmos círculos privilegiados.

Essa percepção sobre a intelectualidade, como já discutida no capítulo anterior deste trabalho, está relacionado intimamente com as ideias foucaultianas e gramscianas sobre o papel destinado ao intelectual. Foucault discutia em suas obras, assim como em palestras e entrevistas que realizava, as relações de poder intrínsecas à intelectualidade, em como os intelectuais assumiam tanto um papel de objeto quanto instrumento destas. Dessa forma, de acordo com ele, ao tomar consciência dessas relações, a nova geração de intelectuais se preocupava cada vez mais com dar voz àqueles que até então estavam sendo silenciados – muitas vezes pelos próprios intelectuais, que acreditavam estar falando por eles –, além de perceberem a necessidade de integrar a intelectualidade à ação política. (DELEUZE; FOUCAULT, 1979) Gramsci, por outro lado, também foi um teórico com ideias muito apreciadas pelos movimentos da esquerda alternativa da década de 1970, pós-luta armada, por defender a figura de um intelectual orgânico, inserido dentro dos movimentos populares, junto ao povo, às classes subalternas, auxiliando e organizando as lutas. (KUCINSKI, 2001, p. 68)

Ademais, Pereira teve contato com a literatura estadunidense revolucionária dos Panteras Negras e Corrêa com o feminismo norte-americano que se desenvolveu a partir da luta das mulheres negras dentro da academia. Pereira menciona ao longo de sua entrevista (2016) que seus anos dentro da seção ALA acarretaram numa leitura extensa de autores do movimento antirracista na África e nos Estados Unidos, principalmente de figuras como Malcolm X, Angela Davis e outros integrantes do movimento norte-americano pelos direitos dos negros. Estes, intelectuais conhecidos já naquela década, acreditavam na necessidade de participar da luta, de estar em contato com o povo, de produzir intelectualmente, mas de forma que ainda houvesse tempo para participação ativa nos movimentos, dentro de suas comunidades. (HOOKS, 1995)

Corrêa, por ter tido a oportunidade de estudar nos Estados Unidos no começo da década de 1970 com uma temática relativa às mulheres, entrou em contato com a produção acadêmica das mulheres negras norte-americanas, que abriam espaço dentro da academia para discutir as questões e problemas das discriminações de raça e gênero dentro da sociedade estadunidense, ou seja, introduzindo discussões interseccionais que fizeram parte da constituição do movimento feminista naquele país. Essas pesquisadoras, muitas envolvidas com o movimento feminista e também com o movimento pelos direitos dos negros, eram ao mesmo tempo

intelectuais e ativistas. O papel dos intelectuais, dessa maneira, também se tornava essencialmente duplo, com a teoria e a prática entrelaçando-se, dependendo uma da outra. (DELEUZE; FOUCAULT, 1979)

3.2 Publicações

As compreensões sobre a intelectualidade e o papel destinando aos intelectuais dentro de um cenário de oposição a um governo autoritário variavam dentro dos diferentes grupos de esquerda constituídos naquele momento, como discutido anteriormente. A esquerda alternativa, distante da esquerda ortodoxa que ainda se baseava fortemente na teoria de marxistas tradicionais como Lênin ou Stálin, em sua maioria defendia uma posição política da intelectualidade, ou seja, que os indivíduos que se definiam como intelectuais deveriam expandir seus campos de atuação, não se restringindo à discussões teóricas, mas participando ativamente das lutas e movimentos sociais de reivindicação por direitos. (ARAÚJO, 2000, p. 90-94)

O jornal *Versus* aparenta ter refletido muito bem as influências intelectuais e culturais dos membros que o compunham – ou pelo menos da editoria – elaborando ao longo de 16 edições entrevistas com teóricos conhecidos e desconhecidos, principalmente da América Latina, mas também da Europa, América do Norte e África. Além de publicarem traduções de textos destes autores, muitas vezes sendo a primeira tradução em português dos originais, e até artigos e cartas inéditas dos mesmos, como aconteceu com o jornalista argentino Eduardo Galeano, o qual colaborou em uma seção de crônicas no jornal a partir de sua 10ª edição. Ademais, como relatou Neusa Maria Pereira, a redação do periódico era um espaço com “muito movimento de intelectuais e artistas”, mencionando que “toda hora o Galeano estava por lá”.⁵⁷

Ao analisar as entrevistas e depoimentos publicados no jornal ao longo de 16 edições foi possível contabilizar um total de 26 entrevistas e cinco depoimentos, dos quais somente duas mulheres foram entrevistadas: Maria da Glória Bordini e Maria do Carmo Campello de Souza. A primeira era professora do departamento de Letras da UFRGS e a segunda era professora do departamento de Ciências Sociais da USP. Bordini foi entrevistada, na edição nº 2, sobre Érico Veríssimo, autor à quem dedicava suas pesquisas⁵⁸. Souza, por outro lado, teve sua entrevista

⁵⁷ PEREIRA, 2016, p. 40

⁵⁸ VERSUS, 1975, ed. 2, p. 22. Érico Veríssimo era próximo do editor Marcos Faerman, tendo trabalhado junto com o mesmo no jornal gaúcho *Zero Hora*. Veríssimo chegou a enviar uma carta à Faerman, que foi publicada na edição nº2 em uma seção em homenagem ao autor, que havia falecido. (VERSUS, 1975, ed. 2, p. 21)

publicada na 15ª edição, na qual conversava com um dos colaboradores de *Versus*, Francisco Weffort, também docente na USP, sobre a questão da representação partidária no Brasil.⁵⁹

Apesar do número pequeno de mulheres entrevistadas, muitas colaboradoras do periódico trabalhavam como entrevistadoras. Em 16 edições apareceram sete entrevistas com a participação de mulheres entrevistadoras, em cinco destas as mulheres realizaram as entrevistas em conjunto com outros membros e em duas somente uma mulher ficou responsável. Sendo estas últimas uma entrevista de Mauro Barbosa de Almeida por Ruth Terra – quem só colaborou na primeira edição do periódico e não constava com o nome na lista de membros – e uma de Gabriel García Marquez pela colaboradora uruguaia Maria Esther Gilio, na primeira e décima edições, respectivamente.⁶⁰

Para tentar compreender como se dava a escolha dos colaboradores que ficariam responsáveis por realizar as entrevistas foi necessário analisar os temas a serem discutidos e se havia alguma relação com a profissão destes integrantes. Na edição inaugural do periódico⁶¹, por exemplo, foi publicada uma extensa entrevista, já mencionada, com o teórico francês Michel Foucault. Este se encontrava, em 1975, no Brasil, aonde havia sido convidado à palestrar na USP, posteriormente palestrando também ao Centro Acadêmico da UNICAMP. A matéria final que foi veiculada nesta edição consta com o nome de cinco entrevistadores, os quais eram Raquel Moreno, Regina Schneiderman, Marilsa Taffarel Faerman, Marcos Faerman e Mauro Almeida. As três colaboradoras citadas trabalhavam na área de Psicologia, o que pode explicar suas presenças na conversa com Foucault, que tinha nesse campo uma de suas principais áreas de estudo. Mauro Almeida, por outro lado, era formado na área de Ciências Sociais e naquele momento cursava seu mestrado em Ciência Política na UNICAMP. É possível que ele tenha sido o responsável por conseguir uma entrevista exclusiva com o filósofo francês, que havia dado palestras à mesma universidade naquele ano. Marcos Faerman também participa da entrevista, provavelmente por seu papel de editor-responsável de *Versus*.

Além de entrevistas e relatos, outro tipo de texto muito frequente dentro do periódico eram traduções de textos de escritores, teóricos e outros intelectuais estrangeiros, característica inspirada no Caderno de Cultura do jornal *Zero Hora*, seção do jornal que havia sido criada por Marcos Faerman na década de 1960 em conjunto com Érico Veríssimo. (KUCINSKI, 2001, p.

⁵⁹ VERSUS, 1977, ed. 15, p. 3-5

⁶⁰ VERSUS, 1975, ed. 1, p. 12-14; VERSUS, 1977, ed. 10, p. 30-32

⁶¹ VERSUS, 1975, ed. 1, p. 30

131) As traduções também contaram com grande participação de mulheres, de um total de 26 publicações de textos traduzidos, 11 foram de responsabilidade de mulheres, dentre os quais oito foram exclusivamente assinados por elas. Uma destas, Cecília Thompson, foi responsável pela tradução de seis textos – número de traduções maior que de qualquer outro membro do jornal – de autores como Júlio Cortazar, Augusto Céspedes e Gabriel García Marquez.

Thompson passou a ser colaboradora do jornal a partir de sua 3ª edição, publicada ainda em 1975, ano em que a mesma havia começado a trabalhar no jornal *O Estado de São Paulo*. Muitos jornalistas de *Versus* também trabalhavam em outros jornais, considerando que a publicação alternativa não suprimia as necessidades financeiras dos mesmos. (KUCINSKI, 2001, p. 8) O *Jornal da Tarde*, por exemplo, era um dos principais redutos dos editores de *Versus*.⁶² Thompson já trabalhava nesse período com a tradução de livros, como a obra *Os Forjadores do Mundo Moderno* do poeta Louis Untermeyer, publicado em 1964. Dessa forma, sua carreira de tradutora também foi aperfeiçoada nas publicações de *Versus*, aonde colaborou constantemente até a última edição analisada.

De acordo com seu depoimento⁶³, no pós-AI-5, Thompson não se considerava como integrante dos grupos intelectuais de esquerda, somente como mensageira entre estes, que divergiam na forma de luta, mas concordavam no objetivo de derrubar a ditadura. Entretanto, seu trabalho em *Versus* pode ser considerado um trabalho intelectual, assim como os colaboradores que realizavam entrevistas com outros intelectuais. Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen (2016) defendem a existência e a importância da categoria do intelectual mediador, sendo este mais do que somente um didatizador de conteúdos, mas principalmente um amplificador de bens culturais para grupos sociais mais amplos. Estes intelectuais não somente reproduzem um conteúdo pré-existente, mas também o ressignificam dentro do contexto de divulgação. Nesse caso, a tradução de textos originalmente escritos em línguas estrangeiras permite acesso do conteúdo a mais pessoas e, não somente isso, mas também ressignifica esse conteúdo dentro do quadro geral da edição do jornal, do contexto experienciado de ditadura e da posição política de resistência.

Partindo desse pressuposto, como dito pela colaboradora Neusa Maria Pereira anteriormente, o ambiente de *Versus* era composto por intelectuais, os quais tomavam para si a responsabilidade de divulgar e mediar bens simbólicos e culturais por meio de suas publicações.

⁶² PEREIRA, 2016, p. 15-17

⁶³ THOMPSON, [s.d], p. 1

Enquanto muitos poderiam perceber seus papéis sociais enquanto intelectuais, como Pereira definiu-se em sua entrevista, é possível que o mesmo não acontecia com todos. Cecília Thompson, em seu depoimento, declarou que no final da década de 1960 seu trabalho de resistência consistia em ser uma “pomba-correio” entre grupos intelectuais de esquerda, não se inserindo dentro de nenhum destes. Caso essa percepção sobre si mesma tenha se estendido até o momento que começou a participar de *Versus*, é possível que Thompson não percebia-se como intelectual naquele meio, sendo responsável unicamente por traduções, a mesma não chegou a assinar nenhum artigo ou mesmo realizar entrevistas. Já tendo carreira na área de tradução, a sua colaboração ao periódico talvez tenha sido encarada apenas como uma extensão do trabalho que realizava até então, não percebendo a sua ação política de divulgadora de bens simbólicos e culturais.

No texto de Gomes e Hansen (2016, p. 24), estas defendem uma compreensão sobre a intelectualidade baseada, dentre outros, nos estudos históricos sobre intelectuais desenvolvidos no Instituto de História do Tempo Presente de Paris na década de 1980 e 1990 por figuras como Jean-François Sirinelli, Jean Rioux e Michel Trebitsch. A preocupação de estudo destes era a agência de sujeitos dedicados à produção e difusão de bens simbólicos, consagrando dessa maneira uma abordagem que identificava estes atores como pertencentes à um “meio intelectual” que se formava por “redes e lugares”, onde se construía práticas relacionais específicas, que davam abrigo a ideias e valores. Isso significa que a categoria central desta abordagem era a da sociabilidade intelectual, entendida com prática constitutiva de grupos de intelectuais, que definiam seus objetivos culturais e políticos e formas de associação para atuar dentro da sociedade mais ampla.

Como discutimos até agora, o jornal alternativo *Versus* era um espaço de confluência de indivíduos de grupos muito diversos, mas que tinham em comum uma posição de resistência ao sistema autoritário em voga. Eram advindos de organizações feministas, do movimento negro, de faculdades como UNICAMP, USP, UFRGS e FCL e carreiras profissionais além do jornalismo, como psicólogos, sociólogos, professores e antropólogos, para citar apenas alguns. Ademais, figuras conhecidas da vida cultural do país e do estrangeiro também frequentavam aquele ambiente, como o uruguaio Eduardo Galeano e o compositor Geraldo Vandré. Dessa maneira, se estabeleceu a partir do polo divulgador do jornal redes de sociabilidades intelectuais que transbordaram através das páginas do mesmo, sendo a seleção de textos à serem traduzidos uma das formas pela qual isso se deu.

Considerando a publicação de textos traduzidos de autores estrangeiros como uma característica do jornal, ao longo das edições somente foi publicada a tradução de um texto de autoria feminina, de Diana Bellessi, poeta e jornalista argentina, que foi primeiramente colaboradora para a revista *Crisis*, começando a escrever reportagens para *Versus* a partir de sua 4ª edição.⁶⁴ Ao todo a mesma teve quatro textos publicados no jornal, na edição quatro, nove, dez e 13. Por escrever em espanhol, seus textos eram traduzidos para o português antes da publicação. A única tradução de um texto de autoria, também, feminina de uma mulher que não era colaboradora do jornal foi o artigo intitulado *Os Colonos do Apartheid* escrito pelo casal Armand e Michelle Mattelart no qual ambos discorriam sobre a criação de duas cidades na Bolívia para imigrantes brancos vindos dos países africanos da Rodésia, Namíbia e África do Sul.⁶⁵ Ademais, alguns textos que foram traduzidos não tiveram a tradução declarada por escrito na publicação, como por exemplo a discussão entre os franceses Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir na 4ª edição do jornal e o ensaio da norte-americana Susan Griffin na 15ª edição do mesmo.⁶⁶

A escolha dos textos a serem publicados estava diretamente relacionada aos temas e ideias que os editores achavam necessárias a serem veiculadas ao público-leitor. (LUCA, 2008, p. 139-141) Isso também estava entrelaçado a um desejo de trazer bens simbólicos latino-americanos conhecidos como os textos de Eduardo Galeano⁶⁷, Gabriel García Marquez e Júlio Cortazar e os que até então eram desconhecidos à maioria dos leitores brasileiros como Carlos Fuentes e Chris Marker, por exemplo. Este primeiro é definido pelo jornal como um dos maiores escritores contemporâneos da América Latina, mas que não era bem reconhecido pelas editoras brasileiras, por seu jornalismo afastado do “jornalismo americano”, menos frio e estático, mais preocupado com a vivência do que com o rigor.⁶⁸ O segundo, Marker, era um escritor, cineasta e fotógrafo francês, inédito no Brasil até aquele momento, de acordo com *Versus*, por ser uma “eminência parda da contracultura parisiense”, sendo menos comercial e conseqüentemente menos reconhecido.⁶⁹

⁶⁴ VERSUS, 1976, ed. 4, p. 24

⁶⁵ VERSUS, 1977, ed. 15, p. 10-11

⁶⁶ VERSUS, 1976, ed. 4, p. 46-47; VERSUS, 1977, ed. 15, p. 20-23

⁶⁷ Eduardo Galeano foi o autor com mais textos publicados no jornal, número superior à dez, por sua posição como colaborador regular. Outros autores que também tiveram mais de um texto veiculado no periódico foram José Martí, Gabriel García Marquez, Jean-Paul Sartre, Hans Magnus Enzensberger, Armand Mattelart e Rodolfo Walsh.

⁶⁸ VERSUS, 1976, ed. 6, p. 10-12

⁶⁹ VERSUS, 1975, ed. 2, p. 41

No índice da quarta edição do jornal há uma ilustração na qual em conjunto consta o seguinte texto: “Seu nome é Breccia. Cidadão latino-americano. Desconhecido no Brasil (o colonialismo cultural tem muitas faces)”.⁷⁰ É possível perceber um padrão de busca dos editores do periódico para divulgarem a um público maior autores e intelectuais mais desconhecidos. Ao mesmo tempo, a busca por textos de autoras e mulheres intelectuais não é uma grande prioridade, apesar de darem atenção à produção intelectual e cultural latino-americana e, mais tarde, principalmente a partir da criação da seção ALA na 12ª edição, também aos conhecimentos e ideias dos negros brasileiros.

Ao longo das 16 edições do jornal somente sete mulheres tiveram suas ideias e produções culturais veiculadas no periódico, sendo elas Simone de Beauvoir, Florence Vaillant, Diana Bellessi, Violeta Parra, Michelle Mattelart, Susan Griffin e Nelida Piñon. A primeira, Beauvoir, apareceu na quarta edição do periódico junto de seu marido Jean-Paul Sartre em um debate na TV francesa sobre a situação da mulher na sociedade contemporânea. A publicação que ficou intitulada como “Sabe, Sartre, os seus livros são um pouco machistas” transcreveu todo o debate entre os “dois maiores pensadores de nosso tempo”, de acordo com o periódico.⁷¹

A quarta edição de *Versus*, na qual o debate entre estes intelectuais foi veiculado, foi publicada provavelmente no meio do ano de 1976⁷², mesmo período em que foi inaugurado o jornal feminista *Nós, Mulheres* com a participação de Raquel Moreno e Mariza Corrêa, duas colaboradoras também de *Versus*. A figura de Simone de Beauvoir dentro dos movimentos feministas da década de 1970 é bastante relevante e precisa ser levada em conta para buscar compreender qual seria o propósito dos editores do periódico em publicarem uma discussão da mesma com seu companheiro acerca da opressão da mulher, como definido no índice da dita edição.

Segundo Joana Maria Pedro (2005, p. 79), o feminismo de segunda onda que se desenvolveu e consolidou nas décadas de 60 e 70 na França baseou-se grandemente na publicação do livro *O Segundo Sexo* (1949) da filósofa existencialista Simone de Beauvoir. O reflexo das ideias de Beauvoir reverberaram nos movimentos feministas que surgiram na América Latina e, especificamente, no Brasil com o retorno de mulheres brasileiras que haviam

⁷⁰ VERSUS, 1976, ed. 4, p. 2

⁷¹ VERSUS, 1976, ed. 4, p. 46-47

⁷² A primeira, terceira e quarta edições do periódico não contam com o mês em que foram publicadas, apenas o ano. Entretanto, baseando-se na periodicidade de publicação e ao fato de que a 5ª edição foi publicada em outubro de 1976 e a 2ª edição em dezembro do ano anterior, é possível inferir que a 4ª edição foi publicada por volta do meio do ano de 1976.

ido para a França para estudo ou mesmo viagens, buscando refugiar-se do regime autoritário do país. Muitas delas fizeram parte de grupos de consciência no exterior e os reproduziram no Brasil quando retornaram. (PEDRO, 2010, p. 126)

No texto de Borges (2010, p. 4-8) a autora traz a entrevista, realizada por Joana Maria Pedro, de uma militante brasileira chamada Ângela Xavier de Brito, que chegou à Paris no final do ano de 1973 através de um comitê internacional da ONU que havia retirado estrangeiros do Chile, onde a mesma se encontrava, após o golpe de Estado perpetrado por Augusto Pinochet ao governo de Salvador Allende. Na França, Brito se envolveu no Círculo de Mulheres em Paris, associação feminista onde se organizavam grupos de estudo com leituras semanais de autoras como Juliet Mitchell, Adrienne Rich, Andrée Michel, Christine Delphy e Simone de Beauvoir. Além de Brito, Borges entrevistou também uma militante argentina que relatou como durante seus anos de militância e exílio a mesma tinha o costume de ler textos de Beauvoir como leituras privadas que eram discutidas pela mesma com outras mulheres de sua família.

Dessa maneira, as ideias de Beauvoir eram percebidas como essenciais ao discutir a questão da mulher, quase uma leitura obrigatória para compreender os princípios das reivindicações feministas naquele momento.⁷³ A escolha dos editores de publicarem uma discussão de Beauvoir e Sartre na 4ª edição do jornal sobre a opressão das mulheres pode estar relacionada com o desejo de colocar em discussão as relações de hierarquia entre homens e mulheres dentro da própria esquerda ou mesmo uma influência das companheiras de redação que realizavam todas suas reuniões de discussão sobre as temáticas que seriam publicadas no *Nós, Mulheres*. Segundo Raquel Moreno, ao começar a frequentar a redação de *Versus*, a partir do convite de Faerman para a mesma estabelecer as reuniões da Associação de Mulheres neste prédio, a mesma começou também a compartilhar notícias com os membros do jornal que lá se encontravam sobre os novos feitos do movimento feminista, como o encontro comemorativo do Ano Internacional da Mulher em 1975, decretado pela ONU, no Rio de Janeiro.⁷⁴

Outra intelectual que teve seu texto reproduzido no jornal foi Florence Vaillant na edição nº 6, no qual a mesma discutia sobre como o apartheid na África do Sul havia colocado uma barreira na produção intelectual e literária dos indivíduos negros daquele país, colocando

⁷³ Neusa Maria Pereira (2016, p. 7) declara que Simone de Beauvoir foi uma das mais importantes feministas do século XX, porém a classifica como uma escritora burguesa. Em seu ponto de vista, Angela Davis foi mais importante que Beauvoir, por sua intelectualidade comprometida com a luta política e com os movimentos de rua.

⁷⁴ MORENO, 2015, p. 1

os poucos textos produzidos por estes no desconhecido.⁷⁵ Este texto, que foi traduzido por Cecília Thompson, não foi acompanhado de uma pequena biografia sobre a autora, ou mesmo um comentário sobre seu trabalho, como ocorreu com outros autores já mencionados como Chris Marker e Carlos Fuentes. Dessa forma, não foi possível encontrar mais informações sobre Vaillant, o que pode indicar uma atenção maior por parte dos editores ao conteúdo que a mesma discutia do que à própria como produtora de conhecimento.

Diana Bellessi, por outro lado, foi bem apresentada em sua primeira publicação no jornal. Na quarta edição do mesmo, quando esta passou a ser colaboradora de *Versus*, os editores explicaram quem era a mesma e destacaram que a argentina era naquele momento já colaboradora do periódico *Crisis*. A admiração do editor-chefe Faerman por este foi uma das questões que acarretaram na criação de *Versus*, como mencionado no primeiro capítulo. Dessa forma, a participação de Bellessi era uma forma de aproximação da própria revista argentina ao jornal brasileiro. A mesma teve quatro publicações assinadas em dois anos de edições, sendo uma delas a respeito das vivências de mulheres operárias latino-americanas em Nova York, com quem viveu e trabalhou um tempo para realizar a reportagem.

Intitulada “Acertamos as contas, compadre!” a publicação de cinco páginas foi encaixada na nona edição de *Versus*, lançada em abril de 1977. Bellessi relata as condições de trabalho de duzentas mulheres em uma fábrica de peças de metal, definindo quem eram – “porto-riquenhas, negras, latinas ilegais: fruta madura, **aqueles que estão sendo comidos pela América**”⁷⁶ (Roberto Blay). A partir disso, a mesma realiza uma discussão sobre a situação geral naquele período do número de mulheres negras e latinas empregadas em trabalhos braçais nos Estados Unidos – mais de quatro milhões em 1971 – sob condições insalubres e salários irrisórios. Ao mesmo tempo que a autora discute sobre as consequências do capitalismo e a fraqueza da União dos Trabalhadores naquele país, ela discute sobre as questões de gênero e raça envolvidas naquele contexto. A análise que ela faz sobre as relações familiares latino-americanas demonstra como a jornalista se identificava com as pautas dos movimentos feministas.

As relações matrimoniais [...] da maioria dos parentes e amigos que conheci estão bastante deterioradas, ou a caminho de ficar. A família patriarcalmente concebida ao estilo latino-americano sofre, aqui, um soco no baixo ventre, pelo fato da mulher estar incorporada com 50 por cento no processo de produção, o que a afasta um pouco do seu papel

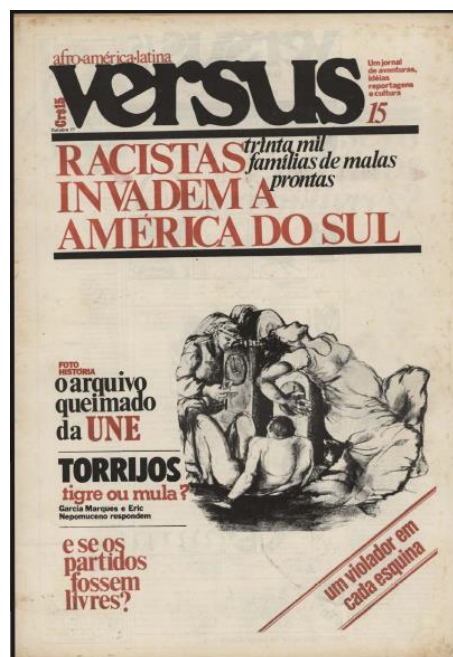
⁷⁵ VERSUS, 1976, ed. 6, p. 24-26

⁷⁶ Destaque da autora.

completamente doméstico, e de sua total dependência econômica do marido. Isto muda as relações entre os sexos, mas pelo fato de continuar vivendo em uma sociedade que mantém e institucionaliza a discriminação racial, estas relações não se transformam, mas desenvolvem novas formas, gerando múltiplas e diferentes tensões. [...] as mulheres da casa são a favor da liberdade de aborto e de equiparação dos salários, mas no entanto continuam acreditando que o homem tem direito a certas liberdades que para elas são proibidas, como andar sozinhas à noite, ter relações sexuais livres e uma vida social própria.⁷⁷

A outra publicação que tem como foco as experiências e problemáticas das mulheres na sociedade ocidental da década de 1970 é o texto de Susan Griffin, definida pelo jornal somente como poeta e socióloga estadunidense, mas que naquele momento já fazia parte do movimento feminista norte-americano – a mesma publicou seu primeiro livro *Women and Nature: the Roaring Inside Her* em 1978, aproximado do que podemos definir atualmente como ecofeminismo, e seu segundo no ano seguinte, no qual Griffin discute sobre a questão da violência sexual. Esse último foi o tema do ensaio publicado na edição nº 15 de outubro de 1977, que chegou a ocupar a capa do exemplar com uma ilustração de Ivone Couto acima da frase “um violador em cada esquina”.⁷⁸

Figura 5: Capa da 15ª edição de *Versus*, primeira edição em que uma temática relativa à mulheres ganhou destaque na capa



Fonte: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>

⁷⁷ VERSUS, 1976, ed. 9, p. 16

⁷⁸ VERSUS, 1977, ed. 15

A escolha da discussão pela autora estava relacionada ao seu objetivo de realizar uma análise sobre os limites que a sociedade ocidental impunha à plena libertação feminina, destacando questões como as relações de raça envolvidas no contexto estadunidense e a figura da mulher “responsável” pela própria violação por seu comportamento. Além disso, a autora ressalta um silenciamento dentro da intelectualidade acerca da temática, sendo inversamente proporcional a sua frequência na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A linguagem atua de modo a que não se esvazie o pensamento. E é através dela, do seu pleno e total uso, que todo e qualquer silêncio desaparece na longa história do homem.”⁷⁹

Como muito bem dito pela escritora brasileira Nélide Piñon, a linguagem é o caminho para que os silêncios desapareçam. Pretendi trazer à tona neste trabalho agentes históricos que não receberam o devido destaque em seu envolvimento com a produção e divulgação de bens simbólicos da América Latina para o público brasileiro, como uma forma de resistência ao regime autoritário brasileiro da segunda metade do século. O jornal *Versus* como instrumento de amplificação de conhecimentos dentro do grande centro urbano de São Paulo e, mais tarde, por outros espaços do país, mostrou-se uma fonte extremamente relevante de ser analisada. Principalmente por seu caráter de concentração de diversas ideias, atores e movimentos sociais em seu meio. A redação do periódico pôde ser percebida como um centro cultural e intelectual de membros da esquerda alternativa latino-americana, com uma movimentação constante de figuras relevantes do Brasil e de países vizinhos.

O periódico foi inaugurado e ganhou relevância na década de 1970, momento em que os movimentos sociais específicos estavam constituindo-se no país. *Versus* esteve diretamente relacionado à estes, com a presença de integrantes do movimento feminista e do movimento negro dentro da redação do jornal. Neste espaço que confluíam estudantes e recém-graduados junto de profissionais já consagrados construíram-se redes de sociabilidade entre e a partir destes, cada qual advindo de espaços e com experiências de vidas diferentes, mas com uma posição comum de resistência. Buscavam modificar sua própria realidade a partir da construção de um veículo de imprensa para publicação de discussões relevantes ao seu momento histórico ou mesmo para divulgar produtos e produtores culturais latino-americanos como escritores, músicos, poetas e ilustradores.

A figura de Marcos Faerman como editor-chefe do jornal foi muito importante na construção de pontes com estes diversos movimentos e grupos de esquerda que tomavam um lugar no espaço público naquele contexto histórico, a partir da concessão de lugares de fala dentro do periódico ou no próprio prédio em que se editava o mesmo. A influência das ideias de Michel Foucault e Antonio Gramsci nos intelectuais de esquerda pós-luta armada, não ligados diretamente à militância política, se fez muito presente nas escolhas editoriais. O

⁷⁹ VERSUS, 1977, ed. 16, p. 32

primeiro por sua compreensão de que os intelectuais não falavam pelo povo, que era preciso tomar uma posição política frente às relações de poder que se estabeleciam entre os indivíduos e perceber a própria condição do intelectual como objeto e instrumentos destas relações. O segundo por sua concepção de que os jornais poderiam ter um papel de contribuição na construção de uma consciência crítica em seus leitores.

Foi possível perceber que os editores do jornal tomaram consciência da necessidade de abrirem espaços para que os indivíduos e suas especificidades aparecessem e divulgassem suas produções intelectuais e culturais. Um dos grandes marcos, senão o maior, foi a criação da seção Afro-Latino-América em 1977, a partir do qual o Movimento Negro passou a frequentar aquele espaço e discutir sobre suas próprias pautas dentro do jornal. Existiam discussões sobre produções negras antes disso, mas não partiam dos próprios negros como autores. As mulheres e suas pautas, pelo contrário, só passaram a aparecer de fato a partir da elaboração de textos de colaboradoras sobre as especificidades das vivências femininas na sociedade. Considerando que um grupo de feministas já frequentava a redação do jornal, do qual três mulheres estavam envolvidas como colaboradoras neste, a pouca discussão sobre pautas relevantes às mulheres demonstrou uma falta de interesse da editoria em abordar estas temáticas.

A análise das memórias das mulheres envolvidas em *Versus* e também com o movimento feminista e o MNU foi importante para destacar como estas estiveram envolvidas diretamente naquele “universo masculino e intelectualizado”, para além do que foi revelado nas páginas do jornal. As subjetividades destacadas nas falas destes agentes históricos demonstraram quais relações de poder se constituíam em suas próprias vidas a partir dos seus gêneros, raças e classes. Dentro do jornal estas relações tomaram uma outra forma, passando a serem percebidas através do número total de mulheres que participaram como colaboradoras nos dois anos de publicação analisados, de quantas destas tomaram parte em funções de editoria, em quais tipos de publicações eram usualmente assinadas por elas e a frequência que temáticas específicas às mesmas apareciam nas edições.

Além disso, a percepção que as próprias mulheres tinha sobre sua intelectualidade foi importante para uma compreensão mais ampla sobre os grupos de intelectuais de esquerda daquele momento, como apesar de não haver uma busca por parte dos indivíduos masculinos à leituras e discussão de ideias de mulheres, isso não acontecia entre as mesmas. Simone de Beauvoir e Angela Davis aparecem como duas figuras importantes para o movimento feminista de segunda onda e também para Mariza Corrêa e Neusa Maria Pereira, apesar desta não se

identificar propriamente com o feminismo. Apesar disto, a mesma estava envolvida em discutir sobre as especificidades das mulheres negras dentro de espaços de discussão voltadas à questões de raça como o MNU e a associação de mulheres negras, CBB.

As memórias de Pereira também demonstraram como a sua participação no jornal *Versus* foi extremamente significativa para sua construção enquanto intelectual, mais do que seus anos no ensino superior. O contato com leituras recomendadas pelos membros do periódico e as discussões que se davam naquele ambiente possibilitaram a construção de uma intelectualidade antirracista que buscava não somente conhecimento, mas principalmente uma posição de participação política na sociedade, objetivando mudanças concretas através dos movimentos sociais e o contato com reivindicações populares. As memórias de Mariza Corrêa enquanto acadêmica e militante também demonstraram essa preocupação com uma dupla atuação, a pesquisa teórica em conjunto com a atuação prática.

Dessa forma, o que procurei responder ao longo do trabalho foi onde estavam e onde não estavam as mulheres envolvidas com *Versus*, que papel tomavam dentro da intelectualidade da esquerda alternativa naquele contexto. Não foi surpresa descobrir que as ausências eram maiores que as presenças, pelo menos dentro das páginas do jornal, em consonância com as relações entre os gêneros que se davam dentro das organizações de esquerda da década de 1960. As mulheres ainda tomavam papéis secundários no que dizia respeito às atividades mais intelectuais, no jornal os indícios disso estavam na grande desigualdade entre o número de mulheres e homens na editoria e a lacuna de textos de mulheres reconhecidas ou mesmo desconhecidas no país e no estrangeiro. Apesar disso, através das memórias das integrantes de *Versus* e das poucas publicações veiculadas voltadas exclusivamente à temáticas relevantes às mulheres foi possível resgatar as presenças, ideias e discussões trazidas por estas agentes a sua própria realidade, modificando-a.

FONTES

CORRÊA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero: um exemplo pessoal. São Paulo: **Cadernos Pagu**, v. 16, 2001, p. 13-30. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644535>. Acesso em: 13 nov. 2020.

MORENO, Rachel. **Marcos Faerman e o Nós Mulheres**. 2015. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 10 out. de 2020.

PEREIRA, Neusa Maria. **O Afro Latino América que vive em mim**. 2015. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 10 out. de 2020.

PEREIRA, Neusa Maria. Entrevista sobre militância, resistência e repressão durante a ditadura civil-militar. **Memorial da Resistência de São Paulo**, entrevista concedida a Luiza Giandalia e Desirée Azevedo em 13/10/2016.

THOMPSON, Cecília. **Isso tudo foi nossa vida**. [201-?]. Disponível em: http://www.marcosfaerman.jor.br/textos_ineditos.html. Acesso em: 10 out. de 2020.

Versus. São Paulo: Minas, n. 1. 1975 – n. 6. Nov. 1976. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 15 jul. de 2020.

Versus. São Paulo: Abril, n. 7. Dez. 1976 – n. 16. Nov. 1977. Disponível em: <http://www.marcosfaerman.jor.br/versus.html>. Acesso em: 15 jul. de 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria H. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. *In*: NOVAIS, Fernando (coord.), SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 319-409.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

BORGES, Joana Vieira. Leituras no exílio: memórias de militância e leituras feministas no Brasil e Argentina (1960-1980). **FAZENDO GÊNERO**, 9., 2010, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1281010669_ARQUIVO_LEITURASNOEXILIO-JoanaVieiraBorges.pdf. Acesso em: 05 nov. de 2020.

BRIGGMANN, Luísa Dornelles; WOLFF, Cristina Scheibe. Mulheres militantes de esquerda na ditadura brasileira. *In*: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia

Carolina de (Org.). **Mulheres de Luta: Feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019, p. 303-322.

BUCCHIONI, Xenya. Caminhos cruzados: de Crisis (1973-1976) a Versus (1975-1979) – a América Latina em questão. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.5, n.1, jan./2016 – jun./2016. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4522>. Acesso em: 22 nov. de 2020.

CARDOSO, Claudio. Amefricanizando o feminismo, o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set./dez. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2014000300015&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 17 out. de 2020.

CORRÊA, Mariza. **Os atos e os autos: representações jurídicas de papéis sexuais**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 307 f., 1975. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279502>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

CRESPO, Regina. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: JUNQUEIRA, M, VILADARGA, S. M.F. S. (Org). **Cadernos de Seminário de Pesquisa**, v. 2. São Paulo: Humanitas, 2011, p. 98-116. Disponível em: <http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP2.pdf>. Acesso em: 24 jul. de 2020.

CRESPO, Regina A. Versus: um espaço da América Latina na imprensa alternativa (1975-1979). **Matrizes**. São Paulo, v.12, n. 2, p. 281-307, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/141484>. Acesso em: 24 jul. de 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. As mulheres negras na construção de uma nova utopia. **Portal Geledés**, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em: 14 nov. de 2020.

DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder: Conversas entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FERREIRA, Gleidiane de Sousa; SILVA, Tauana Olívia Gomes. Uma visão holística da democracia: a atuação política de mulheres negras no Brasil (1960-1980). In: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de (Org.). **Mulheres de Luta: Feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019, p. 121-142.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo Afro-latino-americano. **Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino**, n. 1, p. 12-20, 2011. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf. Acesso em: 02 nov. de 2020.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN Patrícia. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Estudos feministas**, v. 3, n. 2, 1995, p. 464-478. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 17 nov. de 2020.

KUBÍK, Maíra. A ousadia feminista de falar. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, 2014, p. 259-261. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/25708>. Acesso em: 24 nov. de 2020

KUCINSKY, Bernardo. **Nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. *In*: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NICHNIG, Claudio Regina. Foucault e a influência teórica nas ciências humanas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, 2008, p. 1110-1112. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2008000300026&script=sci_arttext. Acesso em: 24 nov. de 2020.

PEDRO, Joana Maria. Narrativas do feminismo em países do cone sul (1960-1989). *In*: Pedro Joana M.; WOLFF, Cristina S. (org.). **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, p. 115-137.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, v. 11, 1998, p. 89-98. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 24 nov. de 2020.

RIDENTI, Marcelo. As mulheres foram à luta. *In*: _____. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 195-202.

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *In*: FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis, 2013, p. 1-12 Disponível em: <https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf>. Acesso em: 18 set. de 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 05 jul. de 2020.

SESTINI, Dharana Pérola Ricardo. O apoio civil à intervenção militar de 1964: a questão das entidades femininas em São Paulo. **XXIV Simpósio Nacional de História**, p. 1-7, 2007. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548210413_e50f0df36b1fbf2cd60117d97fc82c5d.pdf. Acesso em: 10 nov. de 2020.

SILVA, Francisco C. T. da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de A. N. (org.) **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 245-282.

SILVA, Tamy Amorim da. “O feminismo veio para ficar... Nós não vamos sair mais”. In: WOLFF, Cristina Scheibe; ZANDONÁ, Jair; MELLO, Soraia Carolina de (Org.). **Mulheres de Luta: Feminismo e esquerdas no Brasil (1964-1985)**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019, p. 16-34.

TAMIÃO, Juliana Segato. **Escritas Feministas: os jornais Brasil Mulher, nós, Mulheres e Mulherio (1975-1988)**. São Paulo, 2009. 142 p. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres**. Dourados, MS: UFGD, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1051/1/alguns-apontamentos-sobre-historia-oral-genero-e-historia-das-mulheres-losandro-antonio-teseschi.pdf>. Acesso em: 25 jul. de 2020.

VASCONCELOS, Nayara Maria; ALIENDE, Carmem Sílvia. Nós Mulheres: reflexões sobre o jornalismo feminista malcomportado. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0405-1.pdf>. Acesso em: 15 nov. de 2020.

VIEIRA, C. E. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 8, n. 1, 2012, p. 63-85. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>. Acesso em: 03 ago. de 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe. Feminismo e configurações de gênero na guerrilha: perspectivas comparativas no Cone Sul, 1968-1985. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007, p. 19-38. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 07 nov. de 2020.

WOLFF, Cristina Scheibe. O gênero da esquerda em tempos de ditadura. In: PEDRO, Joana M.; WOLFF, Cristina S. (org.). **Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, p. 138-155.

APÊNDICE

TABELA 1
Classificação de textos publicados em *Versus* (1975-77)⁸⁰

Tipo	Quantidade
Tradução	34
Entrevista	25
Narrativa histórica	24
Poesia	20
Reportagem	18
Conto	16
Depoimento	12
Relato	9
Resenha	5
Ensaio	4

TABELA 2
Produções assinadas por colaboradoras de *Versus* (1975-77)⁸¹

Tipo	Quantidade
Tradução	10
Entrevista	9
Ilustração	8
Reportagem	3
Conto	2
Ensaio	2
Capa	2
Narrativa histórica	1
Outros textos	15

⁸⁰ Somente foram contabilizados os textos classificados pelo próprio jornal como pertencentes a alguma categoria.

⁸¹ Entre a primeira e a 16ª edições.